

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**ILUSTRAÇÃO DO DRAGÃO ORIENTAL: ASPETOS  
FUNCIONAIS E MORFOLÓGICOS**

Ana Carolina Simões Patrão

Trabalho de Projeto

Mestrado em Desenho

Trabalho de Projeto orientado pelo Prof. Doutor Henrique Antunes Prata Dias da Costa

2018

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Ana Carolina Simões Patrão, declaro que o presente trabalho de projeto de mestrado intitulado “Ilustração do Dragão Oriental: Aspetos Funcionais e Morfológicos”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

A handwritten signature in black ink that reads "Ana Carolina Simões Patrão". The signature is written in a cursive, flowing style.

Lisboa, 25 de outubro de 2018

## RESUMO

Numa escala global, o dragão é um animal vastamente reconhecido e replicado na totalidade dos meios artísticos. Deste modo, é de maior relevância observar e compreender esta criatura que surge de um modo constante nas artes. No nosso cotidiano é colocado nos mais variados medium para propósitos de entretenimento ou artísticos, estando presente em fábulas, livros de ficção, bandas desenhadas, esculturas, pinturas, curtas e longas metragens. Adicionalmente, em todos esses casos, o dragão carrega simbolismos em relação à sua representação que são de maior relevância para a temática do desenho e da ilustração. Este não só necessita de uma representação cuidada, como também é debatido e sugerido que terá sido a origem da reprodução de ideias e de ícones divinos. O dragão oriental – e por consequência, o dragão no resto do mundo – demonstra-se um candidato notável no que toca ao derradeiro símbolo de todos os seres imaginários e folclóricos, bem como a força de vontade do ser humano de representar conceitos abstratos através do desenho. No fundo, é a força motivadora de transpor conceitos imaginários no mundo real. Nunca nenhum ser humano viu tal criatura, porém é nas nossas mentes um ser quase tão presente como qualquer outro animal doméstico, tendo este sido apenas germinado nas nossas mentes através de representações e descrições. Deste modo, é significativo explorar formas de interpretar o animal mitológico, já que esse se demonstra presente de uma forma tão dominante por consequência das suas várias aparições em media, em especial em ilustrações. O dragão será então observado no seu contexto originário e cuidado através da ilustração de modo a reproduzir uma imagem fiel às suas circunstâncias originárias. A partir de descrições líricas, bem como peças de arte antigas, estudando o ser mitológico em detalhe, a autora realiza uma série de ilustrações que visam a criar representações fiéis ao seu contexto original.

Palavras-Chave:

Dragão; China; Oriente; Desenho; Ilustração

## ABSTRACT

In a global scale, the dragon is a vastly known animal and replicated in all artistic means. In this way, it is most relevant to observe and understand this creature that so constantly appears in the most various art forms. In our daily lives it is placed in the most varied medium for entertainment or artistic purposes, being present in fables, fiction books, comic books, sculptures, paintings, short and long films. Additionally, in all those cases, the dragon carries symbolisms related to its representation that are most important to the themes of drawing and illustration. It not only needs a careful representation, it is also debated and suggested to be the origin of representation of ideas and divine icons. The eastern dragon – and in consequence, the dragon throughout the world – shows itself as a remarkable candidate as the symbol of all imaginary and folkloric beings, as well as the willpower of human beings to represent abstract concepts through drawings. Deep down, it's the motivational force to translate imaginary concepts into the real world. Never has a human being seen such creature, however it is as present in our minds just as any other domestic animal, since its concept was germinated in our minds through representations and descriptions. In this context, it's significant to explore ways of interpreting this mythological animal, since it is present in such a dominant way by consequence of its various appearances, particularly in illustrated form. The dragon will then be observed in its original context and worked through illustrations so that in can reproduce an image that is faithful to its origins. Through lyrical descriptions, as well as ancient art pieces, while studying the mythological being in detail, the author creates a series of illustrations that have in mind creating faithful representations to its original context.

Keywords:

Dragon; China; East; Drawing; Illustration

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não seria concretizável sem o contributo de várias pessoas que me apoiaram ao longo do seu desenvolvimento. Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador e Professor Doutor Henrique Costa, que sempre esteve presente, fosse para me fornecer palavras encorajadoras ou para me auxiliar nos aspetos mais complexos deste projeto.

Em segundo lugar, quero agradecer aos meus amigos e colegas por tanto me apoiarem, me aconselharem e me encherem de palavras icentivadoras durante o desenvolvimento desta tese. O seu companheirismo demonstrou-se crucial, mesmo quando se expremia no que pareciam pequenos gestos de bondade.

Por último, agradeço aos meus pais, aos meus irmãos e ao resto da minha família, que tanto me ouviram e providenciaram de palavras reconfortantes durante os tempos mais difíceis. Agradeço também ao meu parceiro e melhor amigo, Rodrigo Gama, que esteve sempre disponível durante todo este processo. Esta dissertação é dedicada aos meus pais, que me ensinaram e amaram mais do que consigo expressar em palavras.

## ÍNDICE

<b>Glossário</b> .....	1
<b>1. Introdução</b> .....	2
1.1. Objetivo .....	5
1.2. Metodologia.....	6
<b>2. A Origem do Dragão Oriental</b> .....	9
2.1. Origem: China.....	15
2.2. Lendas e crenças na China.....	19
2.2.1. Lendas e crenças no resto da Ásia .....	22
2.3. O dragão Oriental como símbolo.....	26
<b>3. O dragão Oriental como criatura</b> .....	29
3.1. Aparência: as várias descrições fisiológicas .....	33
3.2. Comportamento .....	37
<b>4. Ilustrações</b> .....	42
4.1. Interpretações de textos .....	43
4.2. Interpretações de pinturas e esculturas .....	54
4.3. Interpretação final .....	65
<b>5. Conclusão</b> .....	67
5.1. Considerações Finais .....	69
5.2. Perspetivas de continuação do trabalho efetuado .....	69
5.3. Dificuldades sentidas e experiência adquirida.....	70
<b>6. Bibliografia</b> .....	72
<b>7. Webografia</b> .....	74
<b>8. Anexos</b> .....	76

## **Glossário**

**Cautionary tale:** Um conto folclórico que avisa o espectador de perigo.

**Hitofude Ryuu:** Técnica japonesa de pintura. Consiste em desenhar o corpo serpentino de um dragão apenas com uma pincelada.

**Lung ou Loong:** Palavra Chinesa para dragão.

**Lung Wang:** Definição Chinesa para rei dragão.

**Naga:** Animal mitológico presente na mitologia Budista.

**Osíris:** Deus do renascimento na mitologia Egípcia. Os seus poderes incluem a capacidade de fazer a vegetação crescer.

**Set:** Deus da seca, do caos e da guerra na mitologia Egípcia. Os seus poderes incluem a capacidade de secar a vegetação e colheitas.

**Shen Lung:** Definição Chinesa para dragão dos espíritos.

## 1. Introdução

Existe uma tendência no Ocidente a reduzir o dragão Chinês apenas a uma serpente gigante glorificada, somente mais uma criatura mitológica e absurda na cultura Asiática que tal como outras culturas – por exemplo, as Greco-romana e Egípcia – produziram extensivamente. Para um leigo, a criatura é um ícone comum nos países Asiáticos, presentes em fachadas de edifícios, trajes tradicionais e decorações de tapeçarias. Para a população Asiática, o dragão não só é um animal sagrado que igualmente coexiste com outros seres do plano divino<sup>1</sup>, como até há quase 100 anos a maioria da população Chinesa acreditava que estes seres eram reais e alegavam ter observado um espécime da criatura. *Apesar do facto de que na zoologia moderna nunca estejam incluídas descrições e imagens do dragão como uma criatura da realidade, ainda assim há homens na China hoje que afirmam ter visto estes animais, dos quais foram descritos com muita precisão. O autor teve o prazer de conversar com vários Chineses que afirmam ter avistado o dragão a uma distância próxima. Ele também assegurou, em segunda mão, informação de outros que referiram que deitaram o seu olhar sobre esta mais maravilhosa das criaturas.*<sup>2</sup> (HAYES, 1923)

O conceito desta criatura é tão predominante na mente da população das culturas Asiáticas que se confunde com a dimensão real e perceptível dos habitantes, como Hayes descreve em *The Chinese Dragon (O Dragão Chinês)*<sup>3</sup>. As histórias e menções de dragões funcionam um pouco como uma espécie de conto com uma *cautionary tale* que inspiram o respeito pela natureza e pelo que é sagrado nos residentes dos países Asiáticos. No Ocidente é comum nestes contos falar-se de dragões e na exterminação destes por cavaleiros e heróis, glorificando a sua morte já que são vistos como criaturas vorazes, vis e cruéis. Comparativamente, na Ásia os dragões são por norma vistos como

---

<sup>1</sup>CHRISTIE, Anthony (1983). “Se subires ao monte Tai poderás ver os imortais; alimentam-se do mais puro jade e matam a sede das fontes de maná; atrelam os dragões aos seus carros e cavalgam sobre as nuvens flutuantes.” p. 75 Trad. de Maria Fernanda Tomé da Silva.

<sup>2</sup>HAYES, Newton L. (1923). “In spite of the fact that modern zoology has never included in the pages of its textbooks descriptions and pictures of the dragon as a creature of reality, yet there are men in China today who claim to have seen these animals, some of which have been described very accurately. The writer has had the pleasure of conversing with several Chinese who assert that they have seen the dragon at close range. He has also secured, at secondhand, information from others who are said to have looked upon this most marvelous of creatures.” p. 31 Trad. livre da autora.

<sup>3</sup> Cf HAYES, Newton L. (1923).



seres benévolos<sup>4</sup>, acima dos seres humanos, que devem ser respeitados e honrados, mas tal como qualquer outro ser divino, temidos.

É então, necessária uma compreensão mais profunda deste animal mitológico para que este possa ser corretamente representado. É essencial uma pesquisa sobre a origem e contextos culturais em que este ser holístico é inserido, bem como a observação das suas representações em vários médium. O dragão, de uma forma mundial, é um ser mitológico que tem existido maioritariamente através da sua representação, em específico em ilustrações, mas adicionalmente em esculturas e decalques decorativos.

A fundamental e primeira das razões pelas quais a autora determinou desenvolver este projeto é pelo facto de o dragão oriental estar profundamente ligado ao desenho, em específico no Japão, de onde é originária uma técnica – *Hitofude Ryuu (Dragão de uma pincelada)* – de desenhar esta criatura que consiste numa única pincelada que é quebrada em pausas rítmicas, de modo a revelar a textura das escamas do animal. Deste modo, destaca-se a importância desta criatura folclórica na prática do desenho, já que a si foi dedicada um estilo específico de representação. Adicionalmente, trata-se de um animal folclórico que esteve presente em esculturas, murais e em específico no desenho desde que a sua concepção foi concebida.

A segunda razão será a do seu fascínio e admiração especificamente por esta criatura mitológica e pelo impacto profundo que esta ainda hoje tem nas sociedades Asiáticas. Adicionalmente, o dragão Asiático como animal fantástico tem a si associados imensos provérbios, cujo mais famoso justifica a segunda razão da autora para escolher este tema. Esse é o provérbio chinês: *a carpa saltou através do portal do dragão*.<sup>5</sup> (HONG, 2010) É um provérbio que significa sucesso, habitualmente mencionado quando felicitamos um estudante que acabou um exame importante, ou mesmo o seu percurso académico.<sup>6</sup> É-nos descrito também que *dentro do Salão de Exames de Nanquim, onde a graduação de Mestre era adquirida, estaria uma extensa “parede dos espíritos”. À frente desta estrutura estava pintado um portal do dragão, por baixo do qual era mostrada uma carpa transformando-se num dragão. Um estudante de Bacharelado de artes, de acordo com o antigo sistema de educação da*

---

<sup>4</sup> CHRISTIE, Anthony (1983) “Os dragões eram normalmente benévolos, mas algumas das suas formas, como o *taotie*, podiam ser assustadoras.” p. 119 Trad. de Maria Fernanda Tomé da Silva

<sup>5</sup> HONG, Grace L. (2010) “the carp has leapt through the dragon’s gate.” p. 111 Trad. livre da autora.

<sup>6</sup> *idem* “... means success, for example students who have passed the exams or graduated.” p. 111 Trad. livre da autora.

*China, ao se tornar Mestre, era felicitado pelos seus amigos como tendo passado pelo “Portal do Dragão”. A implicação era que seria tão difícil para um estudante de Bacharelado de artes se tornar num Mestre como para uma carpa se transformar num dragão*<sup>7</sup>. (HAYES, 1923) A autora concluiu que seria apropriado, estando esta no fim do seu percurso académico, estudar este animal mitológico.

A final razão da escolha deste tema será a do interesse plástico do exercício da interpretação das várias descrições desta criatura sagrada através da ilustração, bem como a preparação para uma hipotética carreira futura em ilustração.

---

<sup>7</sup> HAYES, Newton L. (1923) “Within the main entrance to the Nanking’s Examination Hall, where the Master’s Degree was earned, stood a long ‘spirit wall.’ Upon the front of this structure was painted a dragon gate, beneath which was shown a carp changing into a dragon. A Bachelor of Arts, according to China’s ancient system of education, upon becoming a Master, was congratulated by his friends as having passed through the ‘Dragon’s Gate’. The implication was that it was as difficult for a Bachelor of Arts to become a Master as for a carp to be transformed into a dragon.” p. 18 Trad. livre da autora.

## 1.1. Objetivo

Este projeto consiste na transposição de ideias e representações do dragão Oriental, nascidas do imaginário e folclórico, para ilustrações que as descrevam à imagem de seres observáveis na natureza, assim como a população Asiática acreditava que a criatura o fosse.

Trata-se de desconstruir o animal alegórico do seu campo simbólico e reconstruí-lo à imagem de uma criatura que seria observável na realidade, não ignorando a sua base nas descrições em lendas e em contos tradicionais asiáticos. O conceito será readaptar descrições visuais e líricas de uma forma mais literal.

O tema da ilustração do dragão Asiático surgiu como meio de conseguir uma hipotética melhor percepção da fisionomia e comportamento da criatura mitológica. Existem variadas descrições, ilustrações, esculturas tradicionais entre outros media que visam a representar o dragão Oriental. No entanto raramente é explicado ou exposto, de uma forma mais profunda, a lógica que sustenta a sua aparência e dos seus hábitos. São escassas as ocasiões em que o dragão Oriental – bem como na maioria dos casos dos seres mitológicos – é compreendido como uma criatura ao invés de um ícone.

É natural que a fisionomia da criatura, na maioria das suas representações, coloque dúvidas em relação à possibilidade de esta sequer ser funcional em termos anatómicos. Com este problema colocado, creio que consiga reconstruir e resolver, através de descrições e instruções em contos e lendas, a aparência do dragão asiático de forma a aproximá-lo de criaturas reais. Este processo implicará o sacrifício de algumas presunções sobre a criatura (como por exemplo, a assunção que esta consiga levantar voo sem asas) a favor de alcançar, através da ilustração, uma criatura à semelhança daquelas observáveis na realidade.

## 1.2. Metodologia

Numa fase inaugural, é de maior relevância a análise de contos sobre dragões Asiáticos e de documentos sobre representações da criatura mitológica no contexto cultural das sociedades asiáticas. Em contos e lendas sobre dragões é inevitável que se mencione a aparência destes animais folclóricos, bem como o seu comportamento, o que torna estas narrativas valiosas para uma maior compreensão da criatura. Um melhor entendimento das descrições destes animais alegóricos é a chave para se avançar para a segunda fase: a de ilustrar estes conceitos. A primeira metade da série de ilustrações é baseada apenas em descrições líricas de dragões asiáticos de forma a que o desenho seja o mais despegado possível de qualquer preconceito anterior sobre estes. É feito desta forma para que se dê espaço à impregnação dos conceitos base das culturas que conceberam estes seres folclóricos. Para este efeito, várias fontes contendo contos e descrições do animal alegórico são utilizadas, nomeadamente o livro *Acient Tales of Japan (Contos Antigos do Japão)* escrito por Richard Gordon Smith, o livro *The Dragon in China and Japan (O Dragão na China e no Japão)* escrito por Marinus Williem de Visser e o livro mais predominante e influente neste projeto, *The Chinese Dragon (O Dragão Chinês)* escrito por L. Newton Hayes.

É igualmente fundamental mencionar que existem vários tipos de dragões na cultura Chinesa – cultura essa que terá germinado o resto do continente Asiático, especificamente sobre a temática dos dragões. Hayes confirma a existência de oito espécies de dragão presentes na mitologia Chinesa, destacando delas a principal e aqui desenvolvida neste projeto: o *Shen Lung (dragão do espírito)*<sup>8</sup>.

Se na menção lírica o ser mitológico for descrito com uma cabeça semelhante à de um animal bovino, a ilustração será resolvida em função dessa descrição, e o dragão será representado com uma cabeça semelhante à de esse animal. O mesmo acontece para cada aspeto fisiológico da criatura até se chegar a uma ilustração completa dessa composição descritiva. No caso da ausência de descrição de certos aspetos nestes contos, essa é preenchida por uma regra mencionada: ... *o dragão foi a origem de todos*

---

<sup>8</sup> HAYES, Newton (1923) “To the majority of people the word dragon denotes one animal only. There are, however, at least eight species of animals which bear this name. These are the Lung Wang, the Shen Lung, the Li Lung, the Chiao Lung, the Ying Lung, the Chiu Lung, the Tsao Lung and the Tu Lung. They all belong to the genus of dragon (Lung), but each has one or more characteristics which differentiates it from the others.” p. 15

*os animais, e a sua existência foi pensada como uma espécie de deus criador. Talvez por esta razão, os dragões eram descritos como tendo ‘nove semelhanças’ – chifres como os de um veado, cabeça como a de um camelo, olhos como os de um demônio, pescoço como o de uma cobra, barriga como conchas, escamas como as de um peixe, garras como as de uma águia, patas como as de um tigre, e orelhas como as de uma vaca.*<sup>9</sup> (KAWAKAMI, 2017) Já em *The Evolution of the Dragon (A Evolução do Dragão)*, por G. Elliot Smith, o autor faz referência a estes mesmos atributos do animal mitológico<sup>10</sup>.

A segunda metade da série de ilustrações passa por interpretar desenhos, pinturas e esculturas tradicionais. Ao invés da primeira fase, onde as pinturas foram interpretadas e ilustradas através das descrições líricas, esta fase consiste na ilustração da criatura mitológica interpretando os seus modelos plásticos. A ideia será criar uma ilustração nova da criatura baseada apenas na sua aparência em esculturas e pinturas tradicionais. Foi de maior importância que a primeira fase não usasse referências plásticas para que se avançasse para a segunda fase do projeto apenas com os conceitos resultantes das interpretações líricas em mente, mantendo a contaminação de preconceitos formados fora do contexto dos mitos e lendas em que o dragão Chinês é mencionado a um valor mínimo.

As ilustrações foram realizadas, na sua maioria, através da compreensão das sugestões plásticas de cada peça de arte específica recorrendo, ocasionalmente, à descrição oficial da peça, se existente, caso haja necessidade de uma melhor compreensão da forma do animal mítico representado nela. Cada escultura ou pintura é individualmente interpretada para conceber a criatura respetiva a esse modelo plástico.

O processo comum à totalidade do projeto é a sua execução. São realizados estudos dos animais relatados nas descrições da construção da fisionomia do dragão Chinês. De seguida, um ou mais esboços são elaborados, interpretados através dessas descrições ou referências plásticas em papel a lápis. Assim que o esboço se demonstra concluído, este é então digitalizado para o computador. O processo da pintura digital da ilustração é

---

<sup>9</sup> KAWAKAMI, Shigeki (2017) “... the dragon was the origin of all animals, and its existence was thought of as a kind of creator god. Perhaps for this reason, dragons were described as having ‘nine similarities’ – horns like a deer, head like a camel, eyes like a demon, neck like a snake, belly like clams, scales like a fish, claws like a hawk, paws like a tiger, and ears like a cow.” Trad. livre da autora.

<sup>10</sup> Cf. SMITH, G. Elliot (1919)

secundariamente realizado e terminado num programa pintura digital com uma mesa gráfica.

## 2. A Origem do Dragão Oriental

O dragão é um ser mitológico presente nas mais variadas culturas espalhadas por todos os continentes. Encontram-se menções e representações na Bíblia Cristã, bem como nas culturas Indiana, Chinesa e Greco-romana (entre muitas outras) e conseqüentemente, mais tarde, até nas culturas Maia e Inglesa. É quase inevitável falar-se em fábulas e lendas sem se falar de dragões, e isto dá-se ao facto de o conceito destas criaturas ser tão antigo como as culturas em si. Já G. Elliot Smith afirma: *o desenvolvimento da lenda do dragão representaria a história da expressão das aspirações e medos do Homem durante os passados cinquenta séculos e mais. Pois o dragão evoluiu com a civilização em si.*<sup>11</sup>(SMITH, 1919) Defende adicionalmente, Ernest Ingersoll que o conceito desta criatura é tão antigo como a capacidade do ser humano de o imaginar e pintar ou esculpir.<sup>12</sup> O dragão é uma espécie de arquétipo presente em quase todo o folclore mundial, umas vezes surgindo como um monstro a ser temido e derrotado, e outras vezes como uma divindade a ser venerada. Todavia, tanto assumindo um papel de monstro ou de divindade, esta criatura definitivamente representa uma força maior ou uma existência superior à humana. Este animal holístico é o derradeiro símbolo do que é divino, sobrenatural e inalcançável. No fundo é uma autoridade indubitável.

Na mitologia Asiática, estão presentes oito tipos de dragão, sendo os dois mais relevantes o *Lung Wang (Rei Dragão)* e o *Shen Lung (Dragão do Espírito)*.<sup>13</sup> O *Lung Wang* pode ser observado como equivalente ao deus Neptuno na mitologia greco-romana. Cada um destes reinava respetivamente o seu oceano. O *Shen Lung* é o dragão presente nomeadamente em roupões imperiais<sup>14</sup>, que tipicamente seriam representados com cinco garras em cada pata, direito esse reservado ao imperador. *Em 1315, uma regulação estipulou que apenas o imperador podia usar uma representação de um*

---

<sup>11</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “An adequate account of the development of the dragon-legend would represent the history of the expression of mankind’s aspirations and fears during the past fifty centuries and more. For the dragon was evolved along with civilization itself.” p. 76 Trad. livre da autora.

<sup>12</sup> INGERSOLL, Ernest (1928) “The dragon is as old as the sensitiveness and imagination of mankind, and doubtless had assumed a definite shape in some crude, material expression as long ago as when men first began to paint, or to carve, in wood and on stone, marks and images that were at least symbols of the supposed realities visible to their mental eyes.” p. 14

<sup>13</sup> Cf HAYES, L Newton (1923).

<sup>14</sup> Imagem de um bordado num roupão imperial em anexo – Figura 1.

*dragão com dois chifres e cinco garras.*<sup>15</sup> (KAWAKAMI, 2017) Na China, a discriminação do número de garras nas patas do dragão é distintamente feita em relação à diferenciação entre dragões comuns (de quatro garras) e dragões imperiais (de cinco garras), não invalidando o facto de se tratar da mesma criatura, já que mesmo que estes sejam representados apenas com quatro garras mantenham a mesma aparência geral.

Hayes defende que o conceito elaborado que terá originado a imagem do dragão Oriental – como a que conhecemos em ilustrações, estampas tradicionais, esculturas e literatura encontradas na China, no Japão, na Tailândia e até na Coreia – terá nascido da observação de um fóssil sáurio (apesar de reconhecer que a criatura idealmente na sua constituição, exiba características de animais de gado nas suas fábulas e representações asiáticas).<sup>16</sup> G. Elliot Smith, todavia, rejeita esta ideia fundamentalmente. Smith defende que o dragão exibe características tanto fisiológicas como simbólicas que não devem ser ignoradas a favor de o comparar a criaturas extintas.<sup>17</sup> Esta posição sobre a criatura é marcada no contexto em que o autor considera a ideia de dragão a uma escala global e não só na esfera do folclore asiático, de modo a justificar a sua origem. Smith chega à conclusão de que o arquétipo do dragão está interligado com a ideia de um Deus que permite ou impede a vida humana através do controlo, fabrico ou personificação da água – função semelhante à de Osíris ou de Set na mitologia Egípcia.<sup>18</sup> O dragão era o fator que justificava uma má colheita – provocada por falta de chuva, por uma inundação ou mesmo provocada por uma tempestade devastadora. Suportando este argumento, Ernest Ingersoll explica que se acreditava *que todos os rios e riachos Coreanos, bem como os oceanos vizinhos, eram habitações de um dragão, e todas as aldeias nas suas margens praticavam adorações periódicas deste poder. A importância de prestar respeitos tão formais devia-se ao facto deste dragão aquático possuir*

---

<sup>15</sup> KAWAKAMI, Shigeki (2017) “In 1315, a regulation stipulated that only the emperor could wear a two-horned, five-clawed dragon motif.” Trad. livre da autora.

<sup>16</sup> HAYES, L. Newton (1923) “The elaborate conception of the dragon which we find to-day in chinese art and literature is undoubtedly a very different animal from the one which was responsible for the origin of the dragon idea. The fabled sea serpent, the alligator, the salamander and the boa constrictor have each been regarded as the prototype of this unique creature. It is far more likely, however, that some antediluvian saurian was the true source from which the dragon idea has sprung.” p. 10

<sup>17</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “It should not be necessary to rebut the numerous attempts that have been made to explain the dragon-myth as a story relating to extinct monsters. Such fantastic claims can be made only by writers devoid of any knowledge of palaeontology or of the distinctive features of the dragon and its history.” p. 82

<sup>18</sup> *idem* “The fundamental element in the dragon’s powers is the control of water. Both in its beneficent and destructive aspects water was regarded as animated by the dragon, who thus assumed the role of Osiris or his enemy Set.” p. 77-78



*controlo da chuva, e tinha de ser mantido em boas graças caso contrário as colheitas poderiam ser ameaçadas por chuva insuficiente; para além do mais era capaz de criar complicações a navegadores e marinheiros do mar alto a não ser que fosse devidamente apaziguado.*<sup>19</sup> (INGERSOL, 1928) A circunstância de este animal fantástico ser associado a personificações de desastres ou acontecimentos benéficos naturais torna-o num monstro mitológico por definição. Mesmo que a sua aparência fosse idêntica à de um animal real (extinto ou não), a criatura continuaria a ter estes poderes fantásticos inexplicáveis através de seres reais. A criação deste ser alegórico seria provocada por uma tentativa da justificação desses acontecimentos naturais como trovões e chuvas pesadas, e não apenas impregnada pela observação de restos mortais de um animal pré-histórico extinto.

Sendo o dragão oriental em suma uma personificação da água, isto torna-se verídico em relação ao ciclo da água. É nos informado que os dragões hibernavam no fundo dos oceanos durante o Outono e ascendiam na Primavera<sup>20</sup>, provocando de seguida as primeiras chuvas através da sua ascensão<sup>21</sup>. Para além desse facto, é nos descrito que a sua respiração produzia nuvens<sup>22</sup> – para se esconderem entre elas – e que podiam produzir tempestades devastadoras quando lutavam entre si ou quando a sua ira era provocada por humanos<sup>23</sup>. Todas estas características representam o ciclo que a água percorre naturalmente. Em cada uma das mesmas podemos observar águas paradas (oceano, onde o animal hiberna), a sua condensação (assim que este ascende aos céus), a saturação que dá origem a nuvens (assim que este as produz), opcionalmente até à produção de trovões quando as nuvens colidem (os dragões assim simbolizam as nuvens que “lutam” entre si) e a precipitação.

---

<sup>19</sup> INGERSOLL, Ernest (1928) “... every Korean river and stream, as well as the surrounding oceans, was formerly believed to be the abode of a dragon, and every village on the banks of a stream used to make periodic adoration to this power. The importance of paying so much formal respect to in lay in the fact that this aquatic dragon had control of the rainfall, and had to be kept in good humour lest the crops be endangered by insufficient showers; furthermore it was able to make great trouble for boatmen and deep-sea sailors unless properly appeased.” p. 91 Trad. Livre da autora.

<sup>20</sup> *idem* “In the spring it ascends to the skies, and in the autumn buries itself in the watery depths.” p.88

<sup>21</sup> *idem* “Ascending dragons cause rain...” p. 111

<sup>22</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “... the dragon’s breath forms the rain-clouds.” p.82

<sup>23</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “If an iron utensil was thrown into the Rope-pond (...) suddenly darkness covered the land and a hurricane devastated the rice fields. (...) It was said greedy merchants, who had bought rice, threw metal shavings into the pond in order to cause storm and rain, which would destroy the crop and thus make the price of the rice sum up.” p. 124

O conceito de o dragão ter uma origem profundamente ligada com outras noções sobrenaturais é suportado, adicionalmente, pela circunstância do dragão Asiático estar tão intimamente relacionado com serpentes. Não será coincidência que a anatomia semelhante à de uma serpente seja um aspeto constante e elementar na aparência do dragão Oriental. De Visser, no seu livro *The Dragon in China and Japan (O dragão na China e no Japão)*, comenta como dragões e serpentes são considerados como espécies próximas, tendo até hábitos de hibernação semelhantes.<sup>24</sup> Em certas instâncias, o dragão e a serpente até partilham o mesmo simbolismo, como é o caso da lenda Japonesa da deusa *Benten* (a única deusa entre os sete Deuses da sorte, também associada ao mar) que é por norma ilustrada como estando acompanhada de um dragão ou de uma serpente.<sup>25</sup> Já Ernest Ingersoll destaca que *a serpente é quase um sinónimo de dragão.*<sup>26</sup> (INGERSOLL, 1928) Podemos observar que o dragão Oriental é especificamente confundido e comparado com a serpente nas instâncias em que esta é associada a elementos aquáticos. Isto torna a premissa de Smith mais válida especificamente ao observar lendas sobre dragões na Ásia, já que estes são dotados de poderes fantásticos semelhantes. Assume-se assim, que a aparência destes nasceu com base na ideia de uma serpente mitológica e não de um animal sáurio extinto (partilhando semelhanças tanto em termos de simbolismo e em lendas, como em termos anatómicos).

A religião Taoista – parte da cultura da população Chinesa – absorveu variadas conceções Budistas<sup>27</sup> no que toca a fábulas e ao princípio da noção de dragões, que se torna evidente quando observamos um ser mitológico Indiano em particular: o *Naga*. É mencionado que o dragão Oriental terá nascido do conceito de uma serpente mitológica dotada de poderes sobrenaturais relacionados com água, como, por exemplo, a produção de chuva. Os *Naga* cabem nesta categoria, dado que são descritos como possuidores da forma de uma cobra capelo, residindo em águas no mundo dos Homens e, por vezes,

---

<sup>24</sup> *idem* “An Appendix of the *Yih King* says: ‘The hibernating of the dragon and snakes is done in order to preserve their bodies’. Here we see dragons and snakes being closely connected and regarded as belonging to the same kind of animals.” p. 38

<sup>25</sup> PIGGOT, Juliet (1973) “She is associated with the sea and many of her shrines are either by the sea or on islands. This association is often shown in her pictures and statues, when she is riding or accompanied by a serpent or dragon.” p. 59

<sup>26</sup> INGERSOLL, Ernest (1928) “The serpent is almost synonymous with the dragon.” p. 89 Trad. livre da autora.

<sup>27</sup> Cf DE VISSER, Marinus Williem (1913).

podendo até assumir uma forma humana<sup>28</sup>— ou sendo ocasionalmente representado com uma forma metade humana, metade serpente<sup>29</sup>. No folclore Japonês, segundo Piggot, é comum os dragões (entre outros seres presentes em fábulas) terem o poder de assumir uma forma humana<sup>30</sup> — aproximando o dragão Asiático e o *Naga* como criaturas mitológicas. Outra característica que une estas duas criaturas é o facto de se falar tanto de reis *Naga* como de *Lung Wang* (definição Chinesa para rei dragão), sendo ambas as criaturas divindades relacionadas com o mar, rios e lagos. Verifica-se ainda que, os *Lung Wang*, no folclore Chinês, são distinguidos das outras espécies de *Lung* como o possuidor de uma cabeça de dragão e corpo de humano.<sup>31</sup> Mais ainda, quando se fala dos reis de cada uma das espécies, é comum a menção de palácios localizados no fundo do oceano pertencendo ao monarca respetivo.

Todas estas particularidades que ambos os *Naga* e os dragões asiáticos partilham não serão produto de mera coincidência ou de especulação. De Visser esclarece que a ideia do dragão oriental nasceu como resultado da germinação da religião Budista que se espalhou pela Ásia, e principalmente na China. O autor menciona uma ilustração em particular<sup>32</sup> descrevendo que: *os Naga são ali representados em todas as suas três formas: serpentes comuns, guardando joias; seres humanos com quatro serpentes nos seus pescoços; e dragões marítimos alados, a parte superior do corpo humana, mas com uma cabeça semelhante à de um boi com chifres, a parte inferior do corpo como a de um dragão enrolado. Aqui encontramos um elo entre a serpente da Índia antiga e o dragão Chinês de quatro patas.*<sup>33</sup> (DE VISSER, 1913) Esse elo que as duas criaturas

---

<sup>28</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) "The Nagas reside in the loka (world) under the Trikuta rocks that support Meru, and in the waters of the world of men. They have the shape the spectacle-snake, with the extended hood (coluber naga); but many actions are attributed— to them that can only be done by one possessing the human form." p. 2

<sup>29</sup> *idem* "There are three ways in which the Indian Buddhist art has represented the Nagas. First: fully human, on the head an Uraeus-like snake, coming out of the neck and often provided with several heads. This form has been taken up in Tibet, China and Japan '. Secondly: common serpents, and thirdly: a combination of both, i.e. snakes of which the upper part of the body looks human, snake's heads appearing above their human heads; the lower part of the body entirely snake-like." p. 4-5

<sup>30</sup> PIGGOT, Juliet (1973) "Like other animals, the fox is able to transform itself into human shape, although it does not do this as often as the serpent or dragon." p. 106

<sup>31</sup> HAYES, L. Newton (1923) "Most of the other varieties are minor creatures which are practically unknown and have slight bearing upon this study. The one exception to this rule is the Lung Wang, or dragon King. This species differs from the others in that its members possess a dragon's head upon a human's body." p. 15

<sup>32</sup> Imagem de Garudas a lutar contra Nagas em frente ao pregador santo Subhuti em anexo – Figura 2.

<sup>33</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) "Most remarkable is a picture which represents Garudas fighting with Nagas before the preaching saint Subhuti. The Nagas are depicted there in all their three forms: common snakes, guarding jewels; human beings with four snakes in their necks; and

mitológicas partilham será reforçado por uma das nove semelhanças do dragão Chinês a outros animais, mencionadas anteriormente. Especificamente ao facto de ser tipicamente dotado de orelhas de bovino e de algumas descrições o mencionarem com a cabeça semelhante à de uma vaca<sup>34</sup> (quando não é descrito com a típica cabeça que se compara à de um camelo). Por fim, é de maior relevância observar que o *Naga* se traduziu e ilustrou noutras culturas distantes como o “verdadeiro dragão”, não sendo os povos Asiáticos os únicos separados de conceber esta associação (embora disto tenham sido os pioneiros) – estes também possuidores da parte superior do corpo de um ser humano e inferior de um dragão.<sup>35</sup>

Podemos assim concluir que o conceito originário do dragão oriental terá sido de natureza mitológica, tanto devido à sua associação aos *Naga* Budistas, como às suas propriedades fantásticas de trazer chuvas fertilizadoras das colheitas agrícolas. O dragão era um símbolo de adoração e personificação da água que permitia a vida humana, merecedor de veneração e que serviria de justificação de acontecimentos naturais como tempestades, chuva (ou ausência desta) e relâmpagos.

---

winged sea-dragons, the upper part of the body human, but with a horned, ox-like head, the lower part of the body that of a coiling dragon. Here we find a link between the snake of ancient India and the four-legged Chinese dragon.” p. 6 Trad. livre da autora.

<sup>34</sup> HAYES, L. Newton (1923) “...he managed to raise the covering and saw its great cow like head, its four legs and its scale-covered body.” p. 32

<sup>35</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “... sometimes, however, they appear in later Indian (i.e. Graeco Buddhist) art as real dragons, although with the upper part of the body human.” p. 6

## 2.1. Origem: China

O dragão Oriental é uma criatura tão predominante na cultura Chinesa que é quase impossível de a compreender ou até de aprender a sua língua, sem que este animal sobrenatural nos seja mencionado. Expõe Yuan que este ser fantástico esteve presente no progresso histórico da civilização Chinesa.<sup>36</sup> Ademais, o caractere Chinês representante desta criatura é usado em inscrições em marfim que terão sido criadas durante a dinastia Shang (que teve lugar entre o século XVII e XI A.C.)<sup>37</sup>, o que nos indica a antiguidade da relação que o povo Chinês tem com o dragão Asiático. O conceito deste ser mitológico foi – e continua a ser – tão predominante na China que os seus habitantes o tomavam como um animal real, muitos ainda relatando durante o século XX D.C. encontros com a criatura. Cita Hayes, o relato de um cidadão que *se deparou com um dragão deitado na margem do Rio Amarelo na província de Shantung. Era azul em cor e tinha alguns dez pés de comprimento. (...) A cabeça assemelhava-se àquela de uma vaca e o artista conta que á exceção das sobrancelhas longas a imagem do dragão das nuvens representava muito fielmente o que ele testemunhou.*<sup>38</sup> (HAYES, 1923) Claramente, se o habitante avistou de facto uma criatura destas dimensões e particularidades não se trataria de um dragão. Ainda assim, o facto deste indivíduo acreditar que se deparou com este animal divino e que ainda nos providenciou de uma descrição detalhada, demonstra o quão natural o dragão é e está presente na mente do povo Chinês.

Não apenas tomando o papel de um ícone aquático, o dragão Oriental é, acima de tudo, um símbolo do imperador,<sup>39</sup> reservando este, desde a dinastia Tang (entre o ano

---

<sup>36</sup> YUAN, Liu (2015) “The development and perfection of Chinese loong culture has been going on in the historic process of Chinese civilization. Loong culture has a so important position in Chinese traditional civilization that every person who works to learn and spread Chinese culture has to know something about it.” p. 40

<sup>37</sup> KAWAKAMI, Shigeki (2017) “The Chinese character for dragon (...) which was created in the Shang dynasty from the 17<sup>th</sup> 11<sup>th</sup> century B.C., as well as in the gold lettering on bronze vessels that were cast during the following Zhou dynasty (1100-256 B.C.), indicating the early connection between the ancient Chinese and dragons.”

<sup>38</sup> HAYES, L. Newton (1923) “...he came across a dragon lying upon the banks of the Yellow River in Shantung province. It was blue in color and was several feet tens of feet in length. (...) The head resembled that of a cow and the artist said that except for the long eyebrows the picture of the cloud dragon represented very faithfully what he actually saw.” p. 33 Trad. livre da autora.

<sup>39</sup> KAWAKAMI, Shigeki (2017) “From then on, the dragon became the symbol of the imperial ruler of China.”

618 ao ano 907)<sup>40</sup>, o direito de se agasalhar em roupões imperiais decorados com dragões. Mais tarde, no ano 1297 foi permitido o uso de robes decorados com desenhos de pequenos dragões por outros cidadãos. Todavia, como foi mencionado previamente, em 1315 foi estipulado que apenas o imperador se poderia dar ao luxo de se dotar de roupões guarnecidos com dragões (que cobrissem a maioria do tecido) de cinco dedos e de dois chifres<sup>41</sup> – tornando-se o dragão dotado destas características no símbolo imperial. Terá sido pela altura em que o imperador se começou a decorar destes seres no seu roupão, explica Kawakami, que o dragão Oriental se tornou num símbolo de poder e autoridade, sendo que até à data seria ainda só seria associado ao controlo das chuvas e não ao controlo da lei humana.

Reconhecendo que este animal acompanhou, com a mais extrema das proximidades, a cultura Chinesa ao longo da sua existência, aponta-nos Hayes para o facto de que *o conceito elaborado do dragão que encontramos hoje em dia na arte e literatura Chinesa é sem dúvida um ser muito diferente daquele que foi responsável pela origem da ideia do dragão.*<sup>42</sup> (HAYES, 1923) Isto dá-se à sua origem no *Naga* Indiano, mencionado anteriormente. Foi quando a filosofia Budista influenciou o povo Chinês que o conceito de *Naga* se fundiu com as crenças nativas Chinesas e deu asas à ideia do dragão Asiático. Embora que a serpente sobrenatural controladora das chuvas e residente de lagos e oceanos tenha sido uma invenção originária da Índia, foi na China que nasceram as representações e menções do verdadeiro *Lung* influenciado pelos contos dos *Naga*. Quando as lendas Budistas das serpentes fantásticas chegaram à China, explica de Visser que as menções da associação das chuvas com os *Naga* não eram frequentes. No entanto, no *Tripitaka*<sup>43</sup> Chinês as referências a água e tempestades em relação a estas serpentes eram abundantes<sup>44</sup>, o que terá levado ao conceito do *Naga* a

---

<sup>40</sup> KAWAKAMI, Shigeki (2017) “It was during the Tang dynasty (618-907) that dragons came to adorn the emperor’s robe as the symbol of power.”

<sup>41</sup> *idem* “Later, there were those who wore robes with dragon designs as they pleased. In 1297, small dragon designs on the front or back of one’s clothes were permitted, however, large dragons that covered the outfit were forbidden. In 1315, a regulation stipulated that only the emperor could wear a two-horned, five-clawed dragon motif.”

<sup>42</sup> HAYES, L. Newton (1923) “The elaborate conception of the dragon which we find to-day in Chinese art and literature is undoubtedly a very different animal from the one which was responsible for the origin of the dragon idea.” p. 10 Trad. livre da autora.

<sup>43</sup> Termo tradicional das escrituras Budistas.

<sup>44</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “It is a strange fact that in all these tales no mention is made of the Naga’s nature of *god of clouds and rain*, although this is the main reason why the Chinese identified him with their dragon. In the legends, translated from the Chinese Tripitaka by

evoluir para a ideia do *Lung*. No mínimo, o *Lung* representa o quão a cultura Chinesa foi regida pela filosofia Budista, o que se torna notável ao observarmos como a presença cultural que este ser folclórico tem nos seus cidadãos inspira um certo respeito pela natureza, e uma vontade de honrar a lei natural das coisas em vez de lutar contra essa. Todavia também nos demonstra como o povo Chinês moldou os ensinamentos Budistas (sem os perverter demasiado do seu significado original) à imagem daquilo que mais valorizavam: as suas colheitas e as chuvas necessárias para as manter. Isto torna-se notável nas menções específicas a campos de arroz e como são inúmeras as alusões a dragões que visitam estes campos agrícolas – normalmente sendo um sinal de sorte e vantagem na fertilização das colheitas.<sup>45</sup> As colheitas de arroz são o que tornava a vida na China (e em muitos outros países Asiáticos) possível, ao ponto de arroz ser sinónimo de vida e prosperidade. O mesmo acontece na cultura Maia com a importância das plantações de milho e da sua associação até da origem humana. O dragão oriental, como fertilizador daquilo que dá vida ao povo Chinês, torna-se para eles também num símbolo de vida e até o prolongador dessa. *Ele não só é o controlador da água, mas também a personificação da água e dos seus poderes que possibilitam a vida: é identificado com o imperador, com a sua qualidade, com o céu e com todos os poderes que dá, mantém e prolonga a vida e protege de todos os tipos de perigo que ameaçam a vida. Em outras palavras, é o portador de boa sorte, rejuvenescedor da humanidade, o doador da imortalidade*<sup>46</sup>. (SMITH, 1919) E, apesar de ser maioritariamente olhado como um símbolo benéfico, o dragão Oriental é no fundo uma força da natureza, que não tem necessariamente de ajudar a vida humana a proliferar, mas que o faz por escolha quando a tem em boas graças e a destrói (ao destruir as plantações de arroz com tempestades) quando a sua ira é despertada.

Sendo a China o berço da criação deste animal mitológico cuja concepção mais tarde se terá espalhado pelo resto da Ásia, é propiciado a todo este simbolismo ser transportado para as outras culturas, ampliado ainda pela coincidência da maioria dos

---

Chavannes, however, so much stress is laid on the rain giving capacity of the Naga, that we need not doubt as to its predominance in Northern Buddhism.” p. 10

<sup>45</sup> *idem* “The appearance of a dragon in the rice fields gives advantage, i.e. the fertilizing rain gives good crops.” p. 36

<sup>46</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “It is not only the controller of water, but the impersonation of water and its life-giving powers: it is identified with the emperor, with his standard, with the sky, and with all the powers that give, maintain, and prolong life and guard against all kinds of danger to life. In other words, it is the bringer of good luck, the rejuvenator of mankind, the giver of immortality.” p. 91 Trad. livre da autora.

povos Asiáticos subsistirem – ainda nos dias de hoje – de arroz. Isto ilumina-nos também a razão pela qual muitos cidadãos Chineses ainda acreditavam na existência de dragões até tão tarde como o século XX: os provérbios e crenças associadas à plantação de arroz mencionam frequentemente dragões, mantendo a noção do *Lung* viva – auxiliada pelo facto de ser um ícone imperial e estar muito presente na pintura e escultura Chinesas.

Chegamos assim à conclusão de que a criação da noção do dragão Oriental foi propiciada pela introdução de conceitos Budistas em relação ao *Naga* e como este foi introduzido no contexto do estilo de vida Chinês. O dragão foi a forma de justificar ocorrências naturais como chuvas e tempestades que se tornou num elemento chave pelo facto de a população Chinesa subsistir da produção de arroz – não só como um produto alimentar, mas também como matéria prima. O dragão é, na sua essência, a força da vida do povo Chinês.



## 2.2. Lendas e crenças na China

Em todas as culturas temos o que são chamadas de *cautionary tales* (contos de advertência) que visam a alertar, muitas vezes a população mais jovem, de perigos ou comportamentos arriscados. É comum ensinar-se às crianças a não saírem de casa sozinhas para florestas através da criação de um monstro, por ser mais simples de causar medo no indivíduo e, conseqüentemente, o impedir de se aventurar num lugar perigoso. O caso é o mesmo no que toca a lendas e à mitologia quando a explicação é complexa ou impraticável de transmitir a outros membros da população. Na mitologia Greco-romana, explica-se a trajetória que o sol percorre no céu através do deus Hélios arrastar o astro solar com auxílio do seu carro puxado por cavalos. Na China, explicava-se a ocorrência ou ausência de chuvas através dos dragões.

Causado pela circunstância do dragão oriental ser uma forma de justificação de acontecimentos naturais atmosféricos este animal folclórico é propício, mais do que qualquer outro, a ser mencionado em lendas e histórias tradicionais. Uma vez, na circunstância de explicar fenómenos naturais, outras vezes para transmitir uma lição. Um dos mais famosos contos que nos transmite uma lição é o da carpa que se transforma num dragão ao atravessar o que se chama o Portal do Dragão. Explica Hayes que *todos os verdadeiros dragões são de dois tipos: aqueles que o são desde o seu nascimento e aqueles que se tornam em dragões ao trepar as águas de uma certa cascata de um rio adjacente de uma montanha ocidental. Grandes números de carpas nadam uma vez todos os anos para esta cascata conhecida como o “Portal do Dragão”. Aqui debaixo da cascata elas tropeçam entre si, saltando e pulando para fora das águas agitadas; poucos sucedem em superar as quedas para alcançar as águas acima dessas. Aqueles que são bem-sucedidos nesse esforço tornam-se em dragões.*<sup>47</sup> (HAYES, 1923) Esta menção, embora por muitos estudiosos ser usada para aproximar ainda mais o dragão Oriental de elementos ou animais aquáticos como a carpa, visa a inspirar um indivíduo a ser perseverante. O conto é tão famoso que se tornou num

---

<sup>47</sup> HAYES, L. Newton (1923) “All of true dragons are of two kinds: those which are such by birth and those which become dragons by transformation from fish of the carp species. The transformed variety become dragons by leaping up the waters of a certain cataract upon a western mountain stream. Large numbers of carp swim once each year, we learn, to this waterfall known as the ‘Dragon’s Gate’. Here under the cataract they flounder about, jumping and springing up out of the swirling waters; a few of them succeed in getting over the falls to the higher waters above. Those which are successful in this effort become dragons.” p. 18-19 Trad. livre da autora.

ditado usado em tom de comemoração de um aluno acabar o curso académico: “a carpa saltou através do Portal do Dragão”. O ditado implica que o aluno ultrapassou um desafio duro e que o conseguiu através da sua perseverança. É curiosa também a menção de que os dragões ou nascem assim ou um ser inferior consegue assumir a sua forma após muito esforço. Isto é uma alusão ao facto de existirem pessoas simplesmente geniais e aquelas que têm de se esforçar para o ser.

Hayes também nos dá a conhecer a crença de que *cada oceano tem um rei dragão*,<sup>48</sup> à semelhança das crenças dos reis *Naga* que também eram conhecidos no Budismo por viver em oceanos, lagos ou rios.<sup>49</sup> Esta crença é facilmente justificada através da necessidade de preservar as águas, assim como se justificam as chuvas e acontecimentos meteorológicos com dragões. É adicionalmente comum a menção de que não se deve atirar metais para as águas, visto que podem provocar a ira nos dragões. Esta crença conta um pouco como uma *cautionary tale*, no sentido em que se criou um monstro (o dragão) para se fundamentar a razão de não se poluir as águas. Seria certamente mais compreensível para os camponeses não poluírem os lagos e rios por medo de secas ou de tempestades devastadores do que lhes explicar que a poluição das águas não é sustentável, já que isto é algo que não se consegue provar imediatamente. E antes até desta crença visar à preservação do ambiente, é uma que visa a conceber respeito pela natureza em si, característica típica de ensinamentos Budistas. Por esta mesma razão, Doré explica que *quando o país sofria de secas prolongadas, os padres Budistas rezavam e desempenhavam uma cerimónia conhecida por “Tso-fu-sze”*. *Esta é semelhante a aquela chamada K’iu-yu, pedir-se por chuva. Em consequência o Dragão agita os oceanos, e uma chuva benéfica cai nas terras ressequidas*.<sup>50</sup> (DORÉ, 1915)

Também são continuas as referências a dragões que ascendem aos céus sejam um sinal de ou que provoquem chuva. Todavia, esse não é o caso para dragões que descem dos céus, pelo menos não para todos eles. Podemos observar crenças de que quando se avista um dragão preto a descender dos céus que seja um sinal de pouca chuva ou até de

---

<sup>48</sup> HAYES, L. Newton (1923) “Each ocean has a dragon king.” p. 16 Trad. livre da autora.

<sup>49</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “The Nagas are semi-divine serpents which very often assume human shapes and whose kings live with their retinues in the utmost luxury in their magnificent abodes at the bottom of the sea or in rivers or lakes.” p. 7

<sup>50</sup> DORÉ, Henry (1915) “When the country has suffered from prolonged drought, Buddhist priests offer prayer, and perform the ceremony known as ‘Tso-fu-sze’. This is similar to that called *K’iu-yu*, begging for rain. Then the Dragon stirs up the seas, and a beneficent rain falls on the parched earth.” p. 212 Trad. livre da autora.

seca. O caso é o contrário ao avistarmos um dragão branco, que seria um sinal que se podia contar com chuvas certas.<sup>51</sup> Aqui podemos observar distinções de “bons” e “maus” dragões e como se podia explicar os tipos de chuva de acordo com o tipo de dragão associado a elas.

Podemos assim concluir que, acima de tudo, o dragão Oriental está profundamente associado tanto a contos que inspirem admiração neste animal – como é o caso da lenda das carpas que assumem a forma de um dragão – como a crenças relacionadas com águas e chuvas (e conseqüentemente com uma boa ou má colheita). Este animal mitológico era merecedor de respeito e veneração, que até outros animais o tentavam ser. Era também um ícone das chuvas, mares e tempestades, responsável pelo controlo destes.

---

<sup>51</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “Ascending dragons cause rain, but if they descend from the sky this is not the always the case. According to the “Various divinations of farmers,” when black dragons descend this means drought or at least not much rain, hence a proverb says: ‘Many dragons much drought.’ The descending of white dragons, however, was explained to be a sure sign of coming rain.” p. 111

### 2.2.1. Lendas e crenças no resto da Ásia

Tal como na China, o dragão oriental está associado a água e a uma existência superior no resto da Ásia, embora possua algumas particularidades em cada caso.

No caso da Coreia, por influências adjacentes da China, o culto do dragão oriental era igualmente predominante.<sup>52</sup> Todavia, este animal folclórico era visto não só como uma divindade que permite a vida através da produção de chuvas como também era uma criatura puramente dependente da presença água e repelida pelo fogo<sup>53</sup>. Isto dá-nos uma noção do dragão como uma criatura à semelhança daquelas que residem em águas e que vivem com base nessa – como a carpa, por exemplo, que é tão associada ao dragão Oriental. Este animal folclórico era essencialmente idêntico ao que encontramos na China, com essa exceção da sua união e dependência mais profundos com o elemento aquático.

No Japão é onde podemos encontrar mais singularidades sobre esta personificação das chuvas. À medida que os monges Budistas adjacentes da Índia espalhavam os seus ensinamentos na China, esses documentos e crenças também se espalharam desde a Coreia até ao Japão. Todavia, o Japão já teria conceções muito desenvolvidas sobre a sua religião anterior (Xintoísmo). Isto tornou a absorção das noções Budistas indubitavelmente diferentes daquelas que observamos na China. No Japão, o dragão até é descrito de uma forma distinta em relação ao *Lung* tradicional. Seria ilustrado então, com uma cabeça cenhosa, de chifres longos e direitos (em contraste aos chifres de veado do dragão habitual), dotado de um corpo serpentino, possuindo quatro patas (das quais seria mais habitual possuir três garras, separando-o das habituais quatro a cinco garras observadas no dragão Chinês) e proprietário de apêndices em forma de chamas nos seus ombros e ancas.<sup>54</sup> O dragão Japonês também tinha algumas diferenças no que toca à sua conotação. Richard Gordon Smith fala-nos, no seu livro *Acient Tales and Floklore of Japan (Histórias antigas e Folclore do Japão)*, sobre um conto de uma filha de um Samurai que foi banido do seu país para umas ilhas remotas. Na procura desse

---

<sup>52</sup> INGERSOLL, Ernest (1928) “Korean came very early in Oriental history under the influence, if not under the domination, of China, and a cult of the Dragon has existed there since antiquity.” p. 88

<sup>53</sup> *idem* “... not only as rain gods, but also as beings wholly dependent on the presence of water and much afraid of fire...” p. 90-91

<sup>54</sup> *idem* “A composite monster with scowling head, long straight horns, a scaly, serpentine body, a bristling row of dorsal spines, four limbs armed with clawed, and curious flamelike appendages on its shoulders and hips. The claws are usually three on each foot, but sometimes four or even five.” p. 102

Samurai a sua filha, Tokoyo, dá-se à entrada de uma caverna. É-nos indicado que *saindo lentamente das profundezas da caverna, uma coisa horrível, uma criatura fosforescente luminosa da com a forma de uma cobra, mas com pernas e pequenas escamas nas duas costas e lados. A coisa tinha vinte e sete ou oito shaku (cerca de vinte e seis pés) em comprimento. Os olhos eram ameaçadores.*<sup>55</sup> Este, continua Smith, tratava-se de *um deus malvado naquela ilha, a quem chamavam de Yofuné-Nushi. Ele vive no fundo do mar, e exige, uma vez por ano, uma rapariga com menos de 15 anos. Esta oferenda sacrificial tem de ser feita a 13 de junho, dia do cão, entre as oito e nove da noite. Se os nossos habitantes negligenciarem este pedido, é provocada a ira de Yofuné-Nushi e este causa grandes tempestades que afogam muitos pescadores.*<sup>56</sup> (SMITH, 1908) Podemos assim observar que este dragão se tratava de uma divindade malvada que, apesar de ser controlador das chuvas, a usava para fins egoístas, ameaçando os habitantes de destruição e morte se não se fizessem sacrifícios humanos em sua honra. Este também era menos descrito, fisicamente, de modo a se assemelhar mais a um monstro do que a uma criatura digna de veneração, para o efeito da história.

Outro caso em que podemos observar o dragão oriental no Japão como uma criatura aterradora será o caso da lenda da deusa da sorte, Benten. Piggot conta que *existe um conto de que antes de Enoshima*<sup>57</sup> *aparecer, um dragão vivia nessa terra perto dos caminhos de areia que se juntam na maré baixa à ilha. Este dragão costumava devorar crianças na aldeia conhecida por Koshigoe, muito perto de Enoshima e Kamakura. (...) No século VI um terramoto causou uma erupção em Enoshima, com Benten aparecendo no céu sobre si. Ela então caminhou para a ilha e casou-se com o dragão. Isto causou o apetite que o dragão tinha por carne humana desaparecer.*<sup>58</sup> (PIGGOT, 1973) Conta

---

<sup>55</sup> SMITH, Richard Gordon (1908) "... coming slowly out of the depths of the cavern, a horrible thing, a luminous phosphorescent creature of the shape of a snake, but with legs and small scales on its back and sides. The thing was twenty-seven or eight shaku (about twenty-six feet) in length. The eyes were fierce." p. 106-107 Trad. livre da autora.

<sup>56</sup> SMITH, Richard Gordon (1908) "... an evil god in this Island, Yofuné-Nushi. He lives at the bottom of the sea, and demands, once a year, a girl just under fifteen years of age. This sacrificial offering has to be made on June 13, Day of the Dog, between eight and nine o'clock in the evening. If our villagers neglect this, Yofuné-Nushi becomes angered and causes great storms, which drown many of our fishermen." 104-105 Trad. livre da autora.

<sup>57</sup> Pequena ilha do Japão na boca do rio Katase.

<sup>58</sup> PIGGOT, Juliet (1973) "There is a tale that before Enoshima appeared, a dragon lived on the mainland near the strip of sand which now connects it at low tide to the island. This dragon used to eat children in the village now known as Koshigoe, very near Enoshima and Kamakura. (...) In the sixth century an earthquake caused Enoshima to erupt, with Benten appearing in the sky above it. She then stepped onto

ainda que noutra versão, Bente se casou com um dos reis dragão que era descrito como uma criatura horrenda e assumindo a forma de uma serpente.<sup>59</sup> Aqui, mais uma vez podemos também observar a associação a serpentes, quase tocando na ideia de *Naga*. Também é observável a forma de como o povo Japonês observava o dragão Oriental mais como um animal predatório (embora que tivesse na posse de propriedades divinas, como chamamento e criação de tempestades) capaz de malvadez e crueldade para com os seres humanos, um pouco em contraste às menções Chinesas e Coreanas. Este também é um bom exemplo de uma *cautionary tale* criada para afastar as crianças das praias perigosas. Seria mais fácil explicar aos jovens que um dragão aterrorizante os podia devorar se se aproximassem do lugar, afastando-os eficazmente destas localizações.

Apesar destes seres divinos cobertos de escamas serem vistos maioritariamente como monstros cujas vontades a estes são feitas por medo ou por terem vidas de seres humanos como reféns, também há instâncias em que este se assemelha mais ao típico dragão Chinês tradicional. De Visser fala-nos de uma ocorrência em que este ser mitológico terá aparecido perto de uma aldeia e nos é descrito como *um animal belo, exatamente como os dragões vermelhos em imagens. Quando os aldeões desceram da ponte e afagaram-lhe os chifres, este não mostrava medo ou cólera, mas aparentemente contentamento.*<sup>60</sup> (DE VISSER, 1913) Ao invés da maioria das lendas, neste caso esta criatura folclórica é descrita como um ser gentil e até belo. É ainda mencionado que após a sua aparição, as plantações foram prolíferas e, por isso, este não se tratava de um dragão malvado ou de uma serpente venenosa, mas sim de um símbolo de boa sorte e benévolo para a população dessa aldeia, merecedor de veneração.<sup>61</sup>

Chegamos assim à conclusão de que o dragão oriental na Coreia se aproximava mais ao animal que se contava em lendas na China e que o mesmo não era o caso para o povo Japonês. Aliás, no Japão, as menções relacionadas com dragões até se aproximavam ainda daquelas feitas na Europa, onde este animal seria visto como uma criatura horrível

---

the island and married the dragon. This caused the dragon's appetite for human flesh to cease.” p. 132 Trad. livre da autora.

<sup>59</sup> PIGGOT, Juliet (1973) “In another version she married one of the dragon Kings after his constant wooing: he was exceedingly ugly and had a form of a serpent.” p. 132

<sup>60</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “It was a beautiful animal, exactly like the red dragons on pictures. When the villagers descended from the bridge and stroked its horns. It was not afraid or angry, but apparently rejoiced.” p. 150-151 Trad. livre da autora.

<sup>61</sup> *idem* “This was not an evil dragon or a poisonous snake, but probably a lucky omen of a good reign. The fact that the crop of that autumn was good, was brought into connection with the appearance of the dragon, which was (therefore) said to be a venerable being.” p. 151

que precisava de ser eliminada ou apaziguada. Ainda assim, acabava por ser visto como um ser benéfico à vida humana em certas instâncias. No Japão havia mais predominantemente o conceito de bons e maus dragões ao invés da veneração incondicional deste.

### 2.3. O dragão Oriental como símbolo

Esta criatura folclórica é descrita como um dos símbolos mais veneráveis observados em arte ornamental<sup>62</sup>. É vastamente encontrado em pinturas asiáticas, em forma de estátuas, esculpidas em edifícios, integrado nas vestimentas imperiais e até observável em algumas bandeiras Chinesas. Nos capítulos anteriores, podemos observar o dragão Oriental como um ícone da chuva e até do imperador, ou seja, tanto um símbolo gerador e suporte da vida humana como um símbolo de autoridade regente. É nos explicitamente apontado por de Visser que *cada vez que o dragão é encontrado este mostra uma parceria especial com a água*<sup>63</sup>. (DE VISSER, 1913) Ou seja, que cada vez que este é mencionado, existe uma associação à água e que este próprio pode ser visto como uma propriedade mágica derivante da água. Continua também que *o dragão é um ser divino na água. Se um indivíduo representa água sem representar dragões, não há nada de divino para mostrar no seu fenómeno*.<sup>64</sup> (DE VISSER, 1913) O *Lung*, assim é o símbolo dos acontecimentos divinos da água e, numa imagem, sem a representação do dragão, não há representação das propriedades sobrenaturais que permitem a vida aos seres humanos. Ao representarmos um oceano sem um dragão nele contido, estamos apenas a representar a água sem o seu plano divino nela contido. O dragão também é profundamente associado com o estado mais primário do conceito de divindade. É como se fosse a personificação daquilo que se considera divino,<sup>65</sup> já que este é dotado de poderes sobrenaturais que controlam ativamente a vida para os humanos. Isto também se dá à sua característica de se poder deslocar entre a terra, o mar e o céu (sendo o último até associado mais ao plano divino do que ao elemento atmosférico).

As suas nove pareças a outros animais também levaram esta criatura folclórica a ser descrita como o criador e a origem de toda a fauna<sup>66</sup>, um pouco à semelhança de

---

<sup>62</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “The dragon has been described as ‘the most venerable symbol employed in ornamental art and the favorite and most highly decorative motif in artistic design’.” p. 77

<sup>63</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “Whenever the dragon is found it displays a special partiality for water.” p. 81 Trad. livre da autora.

<sup>64</sup> *idem* “The dragon is a divine being in the water. If one represents water without representing dragons, there is nothing to show the divinity of its phenomena.” p. 41 Trad. livre da autora.

<sup>65</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “But it is most intimately associated with the earliest stratum of divinities, for it has been homologized with each of the members of the earliest Trinity, the great Mother, the Water God, and the Warrior Sun God, both individually and collectively.” p. 77-78

<sup>66</sup> KAWAKAMI, Shigeki (2017) “... the dragon was the origin of all animals, and its existence was thought of as a kind of creator god. Perhaps for this reason, dragons were described as having ‘nine similarities’...”



como se olha para o leão como um ícone de um rei dos outros animais da selva. Estas características e a sua associação a uma espécie de fonte criadora das outras criaturas, torna-o num símbolo representante das criaturas, tanto selvagens como domésticas (já que em instâncias o próprio *Lung* é considerado como um animal doméstico<sup>67</sup>). O dragão Oriental eleva assim a relevância dos animais para o povo asiático, tornando as criaturas no geral em algo merecedor de respeito – ou no mínimo, aquelas descritas na sua composição anatómica.

Foi desenvolvido anteriormente, o facto de só o imperador poder reservar o direito de exhibir, nas suas vestimentas imperiais, um dragão de cinco dedos e de dois chifres. Podemos assim definir que apenas o dragão que simboliza o poder e regência imperial é exibido com as cinco garras e o seu par de chifres, assumindo que aqueles que são mostrados sem que sejam dotados dessas particularidades sejam dragões comuns e inferiores em termos simbólicos. Este facto não se aplica especificamente no Japão, onde a mesma criatura mitológica é, de forma geral, representada com apenas três dedos em cada pata.<sup>68</sup>



Figura 1. Bandeira Chinesa da dinastia Qing, adotada de 1889 até 1912.

Na figura acima, a da bandeira Chinesa da dinastia *Qing*, podemos observar esse simbolismo do dragão imperial provido de cinco dedos bem como outro simbolismo

---

<sup>67</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “As the dragon is considered to be a domestic animal, fishes and sturgeons do not flee away.” p. 38

<sup>68</sup> HAYES, L. Newton (1923) “Every careful observer in the Far East has noticed a difference in the number of claws in the pictures of dragons – some possessing three, others four, and still others five claws. The smallest number is found on the dragons of Japanese art Ordinarily Chinese dragons have four claws, while those of five claws were recognized as imperial dragons.” p. 27

muito particular: o desta criatura aparentar estar a perseguir uma esfera. Este não é só o caso da bandeira imperial Chinesa dessa altura, mas também é um caso de muitas ilustrações de dragões. De Visser argumenta que este pode não ser o caso do dragão a perseguir e tentar consumir o astro solar, como aparenta, mas sim a ação do animal cuspir trovões<sup>69</sup> – elemento esse conhecido como controlado por estes mesmos seres ao invés do controlo do sol, poucas vezes mencionado quando se fala do dragão Oriental. E, assumindo que a esfera simboliza o trovão, de Visser argumenta que *considerando a natureza do dragão como um deus do trovão, chegamos à conclusão que o dragão terá de cuspir a bola ao invés de a engolir, pois porque haveria este, que provoca a trovoadas, persegui-la e tentar consumi-la?*<sup>70</sup> (DE VISSER, 1913) Podemos seguramente assumir, tendo estes pensamentos em conta, que estes globos simbolizaram, então, o cuspir de trovões e os poderes sobrenaturais da criatura.

Tendo estes factos em conta, podemos compreender que o dragão Oriental é um ícone tanto do elemento aquático, como um signo da fauna e nos casos em que exhibe cinco dedos, um símbolo imperial e de autoridade. Sem dúvida, é também um símbolo divino e até de uma certa força incontrolável da natureza, digna de devoção e respeito. Um dragão oriental, em tudo o que representa, fá-lo de forma a não deixar dúvida sobre as suas propriedades mágicas e autoridade máxima. É um símbolo de algo que obriga os seres humanos a contornarem e nunca confrontarem a sua presença onde quer que seja que esteja representado que liga este animal a conceitos profundamente budistas no que toca a conservar e respeitar a natureza.

---

<sup>69</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “As to the ball, ‘belched out by the two dragons,’ this reminds us at once of the Dragon festival on the 15<sup>th</sup> day of the first month; the ball carried in front of the dragon on that day might be also explained in the same way, i. e. as thunder belched out by the dragon, and not as the sun, pursued by him.” p. 103

<sup>70</sup> *idem* “... considering the dragon's nature of a thundergod, arrived at the conclusion that the dragon must belch out the ball instead of swallowing it, for why should he, who causes thunder, persecute it and try to swallow it?” p. 105

### 3. O dragão Oriental como criatura

Sabemos que o *Lung* é profundamente relevante na cultura asiática como personificação das chuvas, águas e tempestades, bem como a sua conexão com o imperador, e como ícone geral do resto da fauna. Todavia, é importante considerar este animal no seu ponto de vista mais literal. As menções das aparições do dragão Oriental no quotidiano dos habitantes do continente Asiático não são escassas, muitas vezes aludindo aos seus comportamentos e hábitos, sendo este considerado como mais uma espécie de animal entre todas as outras.

Percebemos que este animal mitológico é sobretudo descrito como um ser aquático. É nos informado que *o dragão é uma criatura marítima*<sup>71</sup>. Este hiberna durante o Inverno nos oceanos e ascende aos céus durante a Primavera, o que nos leva a tomá-lo como um hipotético animal que passe tempo suficiente na água para se tornar semelhante a aqueles que dependem dela para sobreviver. Em certas instâncias até é mencionado que o dragão Oriental depende da presença da água para manter os seus poderes sobrenaturais e para sobreviver. Confirma-nos Hayes este facto, descrevendo que *enquanto o dragão tiver humidade na forma de água ou nuvens envolvendo o seu corpo, este retém os seus poderes maravilhosos de locomoção e de mutabilidade, mas quando esta humidade fica seca, o dragão perde os seus poderes e morre*.<sup>72</sup> (HAYES, 1923) De certa forma, o dragão Chinês depende quase tanto da humidade como um animal anfíbio ou cetáceo, embora as suas descrições incluam sempre a posse de escamas. Hayes assegura-nos adicionalmente de que o corpo do dragão possui exactamente oitenta e uma escamas por cada fila – que se adequa ao tema do número nove no *Lung*, como por exemplo a particularidade de ter nove semelhanças com outros animais. Curiosamente, a carpa possui trinta e seis escamas por fila<sup>73</sup>. Similarmente, de Visser alude a este facto, convocando a nossa atenção para a particularidade de que os números de escamas encontrados por cada fila destas criaturas são o número nove multiplicado por si (no caso do *Lung*) e o número seis acumulado da mesma forma (no

---

<sup>71</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “The dragon is a water creature...” p. 41 Trad. livre da autora.

<sup>72</sup> HAYES, L. Newton (1923) “As long as the dragon has moisture in the form of water or clouds surrounding its body, it retains its marvelous powers of motion and of mutability, but when this moisture dries up, the dragon becomes powerless and dies.” p. 45-46 Trad. livre da autora.

<sup>73</sup> *idem* “It is said of the carp that it always has exactly thirty-six scales in each row, leading from its head to its tail. After the same manner, dragons are described as possessing eighty-one scales in each series.” p. 28

caso da carpa), informando-nos auxiliarmente, de que os números nove e seis têm a conotação de *Yang* e *Yin* correspondentemente, tomando estes dois animais numa dualidade simbólica.<sup>74</sup> O dragão Oriental já partilha uma conexão especial com a carpa através das lendas e simbolismos, todavia a relação numérica entre este animal marítimo e a criatura mitológica – bem como outras características do dragão como a dependência do elemento aquático – forma um casamento mais exclusivo entre os dois em termos da sua aparência. Esta ligação leva-nos a tomar o dragão Asiático como uma carpa evoluída quando tomamos em conta tanto as suas características físicas como simbólicas.

Para além da sua ligação com animais marítimos, ele é vastamente descrito como possuidor de uma cabeça semelhante à de um animal de gado. É maioritariamente descrito como tendo uma cabeça de camelo,<sup>75</sup> todavia, noutras instâncias este é exposto com uma cabeça de porco<sup>76</sup>. Isto aproxima-o dos animais domésticos benéficos para os seres humanos, dando a ideia de que se trata de um ser dócil, já que criaturas de gado são tipicamente afáveis. As outras duas características que o aproximam dos seres de gado, serão as suas orelhas de vaca e os seus chifres de cervo<sup>77</sup>. Mesmo compreendendo o cervo como uma criatura tipicamente selvagem, este não deixa de ter qualidades tipicamente vistas como afáveis, ou no mínimo, qualidades de presa. São estas características que ajudam a elevar o estatuto do *Lung* para um ser benévolo que se aproxima dos animais que são criados em quintas. Porém, embora que esta criatura folclórica partilhe estes elementos de animais considerados benéficos para a vida humana, também ela partilha características de animais predatórios. Essas características serão em específico a posse de patas de tigre, de garras de águia, pescoço de cobra e de olhos de demónio<sup>78</sup>. Estas particularidades da sua aparência tornam-no, numa criatura feroz e predatória apesar de ter o seu lado delicado. É descrito que *a natureza do dragão*

---

<sup>74</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “...the dragon’s 81 scales form a number consisting of nine times nine. Nine is the Yang. The carp’s 36 scales form a number consisting of six times six. Six is Yin.” p. 70-71

<sup>75</sup> HAYES, L. Newton (1923) “One writer (...) describes the dragon in terms of animals with many of which we are quite familiar. He says that it has the head of a camel...” p. 24

<sup>76</sup> YUAN, Liu (2015) “Thus Loong has the body of snake, the head of pig...” p. 42

<sup>77</sup> *idem* “... the horns of a deer, the ears of cattle...” p. 42

<sup>78</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “... his eyes those of a demon, his neck that of a snake (...), his claws those of an eagle, his soles those of a tiger...” p. 81

é grosseira e feroz, e ainda assim ele gosta de belas pedras preciosas (...), e é apreciador de andorinhas (assadas).<sup>79</sup> (DE VISSER, 1913)

Em certas instâncias podemos também conhecer o tipo de som que este animal emitia. Numas ocasiões a voz do dragão Oriental é descrita como o timbre semelhante de uma corneta de guerra,<sup>80</sup> enquanto que noutras ocasiões, o seu grito é comparado à vibração resultante de cacetadas em bacias de cobre<sup>81</sup>. E apesar de existirem referências ao som que estas criaturas mitológicas emitem, é-nos informado que são surdas e que por compensação, a sua visão é extraordinária<sup>82</sup>. Curiosamente, aponta-nos Hayes, que a palavra ‘dragão’ deriva da palavra grega δράκων, que significa ‘contemplar’ ou ‘ver’<sup>83</sup>, que cria uma ligação entre o dragão mais familiar na Europa – também descrito como possuidor de uma visão sobredotada – e o dragão Asiático serpentino que aqui observamos.

Podemos assim assumir que o *Lung*, enquanto criatura, era maioritariamente marítimo, dependendo do elemento aquático tanto para sobreviver como para exhibir os seus poderes sobrenaturais. Seria surdo, mas dono de uma visão sobre-humana de forma semelhante até ao dragão Europeu, mas apresentando também características tanto de seres dóceis como animais de gado, como de animais predatórios, presenteando-o com uma dualidade de características que tanto seriam típicas em criaturas benévolas como em criaturas hostis. Todavia, podemos concluir que é um animal indubitavelmente carnívoro, devido à menção de se alimentar de andorinhas – apesar de ser descrito com cabeças semelhantes à de animais herbívoros como vacas<sup>84</sup>.

Em suma, é uma criatura que integra na sua composição complexa, características de animais representantes de todos os elementos, permitindo-lhe mobilidade no fundo do oceano, na terra e no céu (apesar de depender sempre da presença de água) e, entre

---

<sup>79</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “The dragon’s nature is rough and fierce, and yet he likes beautiful gems (...), and is fond of (roasted) swallows.” p. 68 Trad. livre da autora

<sup>80</sup> CHRISTIE, Anthony (1983) “As cornetas usadas pelas suas tropas emitiam sons semelhantes aos dos dragões.” p. 96 Trad. de Maria Fernanda Tomé da Silva

<sup>81</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “When rain is to be expected, the dragons scream and their voices are like the sound made by striking copper basins.” p. 66

<sup>82</sup> HAYES, L. Newton (1923) “The Chinese dragon is deaf and it is explained that its eyes, through natural compensation, have attained an extraordinary power. His vision is so keen that he can easily distinguish a blade of grass one hundred li away.” p. 40

<sup>83</sup> idem “In this connection it is interesting to recall that the English word ‘dragon’ is derived from the Greek ‘drakon’ (δράκων), which means ‘to gaze’ or ‘to see’, and the classics more than once refer to the animal as ‘sharp sighted’.” p. 40

<sup>84</sup> HAYES, L. Newton (1923) “The head resembled that of a cow...” p. 33

esses, possuindo características de seres igualmente benignos e malignos para a humanidade.

### 3.1. Aparência: as várias descrições fisiológicas

Embora que o dragão Asiático tenha bastantes particularidades distintas na sua aparência dependendo do autor que o descreve, este trata-se factualmente da mesma criatura e acaba por integrar certos elementos essenciais que o definem e que não são variáveis de acordo com o autor. Um desses componentes será o facto de o corpo deste ser mitológico poder ser dividido em três partes de comprimento simétrico: a distância da sua cabeça até aos ombros, a dos ombros até às suas ancas, e das suas ancas até à ponta da sua cauda<sup>85</sup>. Outra dessas características imutáveis na descrição da composição física deste animal folclórico será o facto da sua posse de quatro patas. Por fim sabemos que é dotado de apenas uma cabeça. Tendo estes factos em conta, podemos tomar o *Lung* como um ser vertebrado, de estrutura semelhante a um lagarto, embora que o seu pescoço, tronco e cauda sejam alongados de forma a recordar o físico de uma serpente – à exceção da adição de membros.

Sabemos que a sua cabeça é descrita como sendo semelhante à de quatro animais distintos: à do camelo, à do porco, à da vaca e, raramente, até à de um cavalo<sup>86</sup>, dependendo do indivíduo que a descreve respetivamente. Todos estes animais são dotados de um focinho de forma grosseiramente triangular, embora que sejam dotados de irregularidades únicas a cada um. Cada um destes, singularmente, resulta num possível rosto do dragão Oriental e, apesar de serem semelhantes em certos contextos (como o de se tratarem todos de animais de gado e de serem totalmente ou parcialmente herbívoros), alterariam o aspeto da criatura o suficiente para as considerar como interpretações e definições distintas entre si. Numa única instância, especificamente quando este é narrado como um ser dotado de uma cara semelhante à de um suíno, este também é dotado de uma barba semelhante à de uma cabra<sup>87</sup>. Similarmente ao caso das quatro possíveis cabeças do ser mitológico, esta característica também é inspirada por um animal de gado. Outros dois adereços que decoram a sua cabeça serão as orelhas de vaca – que são persistentes na maioria das suas descrições – e as hastes de corça.

---

<sup>85</sup> HAYES, L. Newton (1923) “The bodies of all dragons, we are informed, are symmetrically divided into three sections of equal length, these divisions being from the point of the nose to the shoulders, from the shoulders to the thighs, and from the thighs to the tip of the tail.” p. 24

<sup>86</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “The people paint the dragon's shape with a horse's head...” p. 70

<sup>87</sup> YUAN, Liu (2015) “Thus Loong has (...) the head of pig, (...) the beard of goat...” p. 42

Todavia, a descrição do segundo adorno varia entre as concepções Chinesas e Japonesas desta divindade aquática da Ásia. Tipicamente, na China é onde o *Lung* será dotado de hastes de veado<sup>88</sup>, enquanto que no Japão este é ornamentado com longos chifres pontiagudos<sup>89</sup>.

Os seus quatro membros são caracteristicamente descritos como semelhantes aos de um tigre, sendo ainda dotados de garras à parecença das de uma águia. As suas patas são descritas frequentemente como as do animal felino, todavia, em contraste, nas suas ilustrações é mais frequente estas assemelhar-se com os pés da ave de rapina.

Contido nas suas nove semelhanças a outros animais, também está incluído o facto de o dragão Asiático possuir a peculiaridade do seu corpo estar coberto de escamas idênticas às de um peixe. Hayes, ao descrever o animal, menciona não só estas escamas como sendo especificamente derivadas das carpas, como possuindo também o corpo de um peixe<sup>90</sup>. As lendas que descrevem as carpas como um animal com o potencial de se transformar num dragão tornam estas assunções num raciocínio lógico a fazer-se – pois imagina-se que seria natural que a carpa mantivesse as suas escamas e o seu tronco depois de se metamorfosear. Todavia, não é comum a constatação de que o dragão Oriental possuiria um de um peixe, já que é mais frequentemente representado e mencionado com o corpo de uma serpente, apesar de, nas sua das nove semelhanças a outras criaturas, estar apenas frequentemente constatado que o seu pescoço se assemelhasse ao de uma serpente. Outro elemento na lista das nove semelhanças a outras criaturas, será a singularidade do dragão ter a barriga de um molusco. Somente através da descrição, a compreensão não é clara já que é difícil de se concluir se a descrição se refere à concha do molusco ou do seu corpo mole. Porém, ao observar-se as rugosidades no físico destas criaturas nas suas representações, podemos seguramente assumir que se trata da casca do animal e não da sua parte mais vulnerável.

Por fim, chegamos ao último dos nove elementos de outras criaturas incorporados neste ser mitológico, que será o dos seus olhos. O seu órgão visual é descrito como sendo semelhante ao de um demónio, o que é uma descrição peculiar por si, já que não teremos nenhum elemento de comparação possível no plano das criaturas reais.

---

<sup>88</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “Thus we find stories of a dragon equipped with those distinctive tokens of Chinese origin, the deer’s antlers...” p. 91

<sup>89</sup> INGERSOLL, Ernest (1928) “...it differs markedly from the Chinese convention: ‘A composite monster with a scowling head, long straight horns...’” p. 102

<sup>90</sup> HAYES, L. Newton (1923) “...the body of a fish, the scales of a carp...” p. 24



Podemos apenas conjecturar através desta explicação, que se tratam de olhos ameaçadores.

Para além destas nove descrições que podem variar ocasionalmente, existem certas características que são frequentes nesta entidade mítica tanto em textos como na arte Asiática. A mais óbvia dessas, será a posse de longos bigodes que são descritos como tendo *três pés de comprimento (cerca de noventa e um centímetros) e sendo roxos na sua cor.*<sup>91</sup> (HAYES, 1923) Este aspeto da fisionomia do *Lung* é tão predominante que se torna numa das suas características principais que o distinguem dos dragão adjacentes de outras culturas. Outra destas individualidades, que não são frequentemente incluídas nas relações com outros animais, será a do aspeto da sua cauda, embora que esta seja abundantemente representada em pinturas e esculturas. Estes, de facto, são dotados de caudas,<sup>92</sup> todavia a sua narração raramente é suficientemente detalhada para se chegar a uma conclusão específica da sua aparência. Podemos assumir, contudo, através das suas vastas representações no continente Asiático, que seria uma cauda sinuosa, com apêndices que se assemelhavam a barbatanas de peixe. Adicionalmente, um dos seus aspetos variantes será o pormenor do número de dedos que este pode exhibir. Não alterando a forma das patas de um tigre ou de uma águia, este poderá, como foi anteriormente mencionado, apresentar cinco, quatro ou três dedos em cada uma das suas quatro patas. Sendo os cinco dedos em cada membro reservados a dragões que são usados em símbolos imperiais, quatro aos dragões comuns e três caracteristicamente aos dragões nipónicos.

Tomamos assim o dragão oriental como um ser provido de algumas possíveis aparências distintas que não o distinguem em espécies separadas. É frequentemente constituído com uma cabeça semelhante à de um animal maioritariamente herbívoro, dotada de adereços como longos bigodes, de chifres podendo tanto ser de formas irregulares ou pontiagudos, e de orelhas tipicamente de bovino, contento ainda na sua composição o pescoço de uma serpente, o corpo de um peixe (quando não é simplesmente descrito como um corpo serpentinaforme), quatro membros de um tigre, com garras de águia em cada dedo, estando todo ele coberto de escamas de carpa à

---

<sup>91</sup> HAYES, L. Newton (1923) “The whiskers of the dragon’, according to a book of the Yuan dynasty, ‘are three feet long and purple in color.’” p. 45 Trad. livre da autora.

<sup>92</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “Sometimes the dragon showed his snow-white back, but not his head or tail.” p. 186

exceção da sua barriga, que terá uma textura semelhante à da casca de um molusco, dono ainda de uma cauda serpentina. Poderá ainda ser provido um número variável de dedos em cada membro.

### 3.2. Comportamento

Após a observação e análise dos vários aspetos singulares da aparência do dragão Oriental, é relevante numa fase secundária, perceber o seu comportamento. Bammes clarifica que *as proporções do animal dizem-nos algo sobre a sua forma de viver e da sua adaptação, e de acordo com esses fatores, podem ser vistas como um padrão com um propósito*,<sup>93</sup> (BAMMES, 1995) e mesmo tendo em conta que a criatura aqui analisada se trata de um ser do campo imaginário e mitológico, muitas das suas características físicas refletem o seu comportamento. A exceção a esta regra será o facto de o dragão possuir a capacidade de flutuar, ou de ascender, sem o auxílio de asas ou de outra característica que lhe permitisse tal ação. O mesmo é o caso no que toca à sua capacidade de provocação de chuvas, criação de nuvens, trovões e tempestades. Logo, consideraremos todos estes aspetos do seu ser como qualidades mágicas inexplicáveis puramente adjacentes do campo alegórico que não se aplicariam a seres observáveis na realidade, e que não formariam uma relação direta entre a sua fisionomia e a sua forma de viver.

Numa fase inaugural sobre o comportamento do *Lung*, é importante considerar os espaços em que este se desloca. Sabemos que esta criatura alegórica *se sente igualmente em casa no ar e na terra, bem como no mar*<sup>94</sup>. (HAYES, 1923) Sabemos também que este completa um período de hibernação e que o seu local de adormecimento se encontra no fundo dos oceanos,<sup>95</sup> pelo que podemos assumir que este será um animal que terá uma afinidade maior com o meio aquático já que o escolhe como local de dormência. Outro facto que suporta esta assunção será o de os outros animais marítimos dotados de escamas serem atraídos, por admiração e submissão à sua presença<sup>96</sup>. Podemos então concluir que esta divindade pode ser assumida como uma figura regente para as outras criaturas marítimas que são dotadas de escamas e que o seu meio principal será o aquático.

---

<sup>93</sup> BAMMES, Gottfried (1994) “The proportions of the animal tell us something about its way of life and adaptation, and accordingly can be seen as a pattern with a purpose.” p. 24 Trad. livre da autora.

<sup>94</sup> HAYES, L. Newton (1923) “...the dragon is equally at home in the air and on earth, as well as in the sea...” p. 4 Trad. livre da autora.

<sup>95</sup> *idem* “At the autumnal equinox, according to one source, the majority of dragons descend into the sea where they hibernate for six months.” p. 48

<sup>96</sup> *idem* “If dragon whiskers are placed in the deep water all scale-covered animals will swim immediately to the spot, thinking that their master, the dragon, is there.” p. 45

É-nos descrito que o dragão Asiático se alimenta maioritariamente de árvores de bambu, de arsénico e de carne de andorinha, fazendo deste um animal omnívoro e ainda consumidor de propriedades que são consideradas veneno para o comum homem mortal<sup>97</sup>. Em certas lendas, esta divindade também é conhecida por consumir carne humana, como está subentendido na história das ilhas Oki no livro *Acient Tales and Folklore of Japan (Contos Antigos e Folclore do Japão)* escrito por Richard Gordon Smith<sup>98</sup> e é explicitamente mencionado no livro *Japanese Mythology (Mitologia Japonesa)* de Juliet Piggot<sup>99</sup>. O facto de o dragão Asiático ser um animal omnívoro torna-se num contraste em relação a certos aspetos da sua descrição, pois este, como foi verificado anteriormente, é descrito frequentemente com uma cabeça semelhante àquela de um animal herbívoro – sendo a única instância, entre quatro, em que este seja comparado com um animal omnívoro o caso em que a sua cabeça é comparada à de um porco. Todavia, nenhuma das descrições da sua fisionomia se foca na sua dentição em pormenor, e apenas é comparado a outros animais herbívoros na sua aparência fisionómica, apesar de nas suas ilustrações ser tipicamente dotado de dentes caninos – característica essa raramente presente na constituição dentária de animais herbívoros. A circunstância deste animal levar uma alimentação omnívora, porém, é suportada pelo resto das suas características, já que este é dotado tanto de um pescoço (e em alguns casos da totalidade do seu corpo) semelhante ao de uma serpente, bem como de membros de tigre e garras de águia, que lhe permitiriam caçar outros animais com facilidade. Contudo, apesar das suas características predatórias, revelar-se-ia um animal dócil<sup>100</sup> para o resto das criaturas que não mataria para fins de as consumir. Quase o podemos descrever da mesma forma que mantemos animais domésticos perto de casa como os cães, que não atacam outros animais apesar de levarem uma alimentação maioritariamente carnívora.

As suas nove semelhanças que o dragão Asiático tem a animais existentes podem tornar a sua classificação na fauna numa tarefa complexa. De uma forma sintética, pela circunstância desta ser uma criatura impossível e do campo imaginário, poderíamos

---

<sup>97</sup> HAYES, L. Newton (1923) “Three things of which dragons are exceedingly fond are bamboo trees, arsenic, and the flesh of swallows. (...) Arsenic, which is to mortal man a deadly poison, is food to the dragon.” p. 47

<sup>98</sup> Cf SMITH, Richard Gordon (1908).

<sup>99</sup> Cf PIGGOT, Juliet (1973).

<sup>100</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “As the dragon is considered to be a domestic animal, fishes and sturgeons do not flee away.” p. 39

facilmente concluir que o *Lung* simplesmente não se aproximaria de nenhuma classe de animais em específico e que seria apenas o seu ser original, não pertencendo a nenhum grupo singular de criaturas observadas no mundo. Todavia, aceitando o facto de que se trata de um animal mitológico, podemos, ainda assim, aproximá-lo de forma hipotética a seres vivos a que se assemelha de forma mais profunda. Sabemos que, na sua descrição, este contém semelhanças a peixes, a mamíferos, a répteis e a aves, porém, a autora decidiu relacioná-lo com a classe a que este tem mais em comum: os répteis. Isto pelo facto da maioria das suas características fisionómicas poderem ser contidas em seres como lagartos e serpentes. O dragão Oriental é descrito com um corpo coberto de escamas e serpentiforme, com quatro membros e uma cauda sinuosa, dotado ainda de um par de chifres e de longas garras em cada pata. Todos estes atributos podem ser encontrados em membros da classe dos répteis. E mesmo que nem todas essas características estejam presentes numa única espécie, seriam o suficiente para concluir que este se relaciona mais profundamente com esses seres. É relevante lembrar, ainda, que o conceito do dragão Asiático evoluiu do conceito do *Naga* – uma serpente divina – como vimos anteriormente, o que aproxima de um modo mais acentuado esta criatura mitológica da ordem dos répteis. Podemos assim assumir que o *Lung*, hipoteticamente, estaria contido neste grupo de animais reptantes.

Outra característica reveladora do comportamento deste ser folclórico seria o facto de este se movimentar em grupos, revelando-se um animal social. É nos exposto ainda que *se uma manada de dragões é avistada a desviando-se das suas cabeças, isto será sinal de boa sorte*<sup>101</sup>. (DE VISSER, 1913) Podemos assumir até que, ao desviarem-se das cabeças uns dos outros, estariam a evitar o confronto entre si, prevenindo assim tempestades devastadoras ou trovões que pudessem destruir plantações de arroz, tipicamente provocadas quando a ira nestes seres folclóricos é despertada. Porém, pela circunstância desta situação ser olhada como um símbolo de boa sorte, podemos perceber que não seria uma ocorrência frequente ou, no mínimo, algo que fosse menos provável do que habitual, que nos leva facilmente a concluir que os dragões Orientais seriam criaturas mais conflituosas entre si do que pacíficas. Afinal de contas, estas tratam-se de criaturas territoriais e é-nos dito que *no início do Verão os dragões são divididos, para que cada um deles tenha o seu território especial, que não ultrapassem.*

---

<sup>101</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) “If a herd of dragons is seen diverting themselves of their heads, this means good fortune.” p. 37 Trad. livre da autora.

*Esta será a razão pela qual no Verão chove muito num local e não de todo um pouco mais adiante.*<sup>102</sup> (DE VISSER, 1913) Um dragão estar no mesmo espaço que outro, significaria que partilhariam esse território, ou estariam num processo de invasão ou de estabelecer dominância entre os dois. Logo, se fossem observáveis várias destas criaturas num sítio a evitarem conflito entre si, seria sinal de que estariam em paz e, como estaria um grupo delas a ocupar esse espaço, funcionariam como um símbolo de chuva benéfica abundante.

É apontado que o dragão Asiático era também dotado de uma sensatez superior à do resto da fauna.<sup>103</sup> Seria identicamente esta a razão pela qual esta criatura fantástica escolhia cooperar com os seres humanos de acordo com a maneira de como seria tratado por estes. Evocaria tempestades quando os camponeses incitavam a sua ira (ao poluírem lagos, onde se localizariam os seus aposentos, por exemplo), ou regavam as plantações quando a sua presença era respeitada e honrada. Graves conta-nos sobre os camponeses Japoneses, e que *quando há uma seca estes realizam uma procissão conduzida por um padre Xintoísta carregando o Gohei, o símbolo do divino. O padre é seguido por um camponês soprando numa concha, e seguido de um dragão feito de bambu e palha trançada. A procissão é fechada por camponeses carregando bandeiras nas quais estão escritas orações para trazer chuvas. Os camponeses seguem numa multidão, soando tambores e fazendo barulho. A procissão toma o seu caminho até um lago ou rio, onde a imagem do dragão é mergulhada na água.*<sup>104</sup> (GRAVES, 1987) Honrando assim o dragão com orações e entregando uma estátua de si, feita de bambu (material muito apreciado por estes seres), aos seus supostos aposentos (que seria o mencionado lago ou rio), manteriam esta divindade em boas graças, e incentivariam esta criatura a cooperar consigo e regar as suas plantações. O facto de o *Lung* ter a capacidade de apreciar dádivas e mostrar-se desposto a ouvir os seres humanos revela por si só uma enorme inteligência por parte da criatura e capacidade de interpretar a mensagem que a si está a

---

<sup>102</sup> DE VISSER, Marinus Williem (1913) "...in the beginning of summer the dragons are divided, so that each of them has his special territory, which he does not exceed. This is the reason why in summer time it rains very often at one place and not at all a little further on." p. 120 Trad. livre da autora.

<sup>103</sup> *idem* "...none of the animals is as wise as the dragon." p. 65

<sup>104</sup> GRAVES, Robert (1987) "...when there is a drought they get up a procession preceded by a Shintoist priest carrying the Gohei, symbol of divinity. The priest is followed by a peasant blowing in a conch, and then comes a dragon made of bamboo and plaited straw. The procession is closed by a peasant carrying banners on which are written prayers to bring rain. The peasants follow in a crowd, beating drums and making noise. The procession makes its way to a lake or a river, where the image of the dragon is dipped in the water." p. 406 Trad. livre da autora.

ser transmitida. Seria um animal capaz de criar julgamentos e decisões sobre nutrir ou não a povoação de seres inferiores e dependentes de si.

Concluimos assim que o dragão Oriental, como hipotética criatura do campo real, seria um réptil omnívoro, alimentando-se maioritariamente de bambu, de andorinhas e de arsénico, dotado ainda de uma inteligência superior aos outros animais e capaz de manipular os seres humanos a seu favor. Seria ainda uma presumível criatura territorial, que também seria capaz de tolerância para com a presença dos membros da sua espécie.

#### 4. Ilustrações

Reunidos e analisados os vários aspetos anteriores sobre o dragão Oriental, tanto sobre a sua origem e simbolismos em que este é contextualizado, bem como a aplicação de uma observação mais literal sobre o seu aspeto e comportamento como uma criatura hipoteticamente real, a autora inicia assim o processo de interpretar cada uma das descrições e pinturas através da ilustração.

Antes de cada ilustração individual estar completa, estas passam por uma série de processos, sendo o primeiro o de iniciar breves estudos sobre a criatura a representar<sup>105</sup>. De seguida, para cada uma delas é realizado um esboço final em papel e lápis de cor que é sequencialmente completado num programa de computador com uma mesa gráfica<sup>106</sup>.

Cada uma das ilustrações é concebida individualmente tendo em base uma descrição ou uma pintura ou escultura única adquirida a essa. São utilizadas descrições e obras de fontes variadas de modo a produzir uma imagem possível do animal folclórico.

A primeira metade desta série de pinturas digitais é feita interpretando apenas fontes líricas de modo a conceber uma imagem livre de quaisquer preconceitos sobre o aspeto do dragão oriental. A segunda metade da série é realizada apenas através da ilustração com base na observação de peças de arte que ilustrem a criatura. É feito deste modo para que a segunda parte da série de ilustrações use conceitos adquiridos na primeira metade deste projeto, aproximando-se assim de uma imagem mais fiel à ideia original do dragão. Todas as representações são realizadas de modo a que o animal mitológico tenha a sua cabeça na parte esquerda da composição e o resto do seu corpo se estenda para a metade direita. É feito deste modo para que a representação da sua forma seja clara para o observador – vagamente à semelhança das ilustrações científicas de animais.

---

<sup>105</sup> Estudos sobre a criatura em anexo – Figura 3.

<sup>106</sup> Processo da realização de cada ilustração em anexo – Figura 4.



#### 4.1. Interpretações de textos

A primeira série de ilustrações realizadas consiste na execução dessas através apenas de referências líricas. Cada uma destas interpretações será feita tendo como base as nove semelhanças do dragão Oriental como descritas por de G. Elliot Smith: *os seus chifres lembram aqueles de um veado, a sua cabeça aquela de um camelo, os seus olhos aqueles de um demónio, o seu pescoço aquele de uma serpente, a sua barriga aquela de um mexilhão, as suas escamas aquelas de uma carpa, as suas garras aquelas de uma águia, as suas patas aquelas de um tigre, as suas orelhas aquelas de uma vaca.*<sup>107</sup> (SMITH, 1919) Cada uma das ilustrações terá um ou mais atributos trocados por outras descrições alternativas de outros autores e fontes que serão assinalados.

A variação de certos atributos de cada descrição do dragão Oriental irá providenciar uma forma completamente diferente de a imaginar e interpretar, resultando numa série de diferentes possibilidades da fisionomia deste animal folclórico apenas através das menções líricas do mesmo. Este exercício visa assim obter uma imagem do dragão Asiático sem que esta esteja poluída de ideias pré-concebidas em relação à criatura mitológica.

---

<sup>107</sup> SMITH, G. Elliot (1919) “His horns resemble those of a stag, his head that of a camel, his eyes those of a demon, his neck that of a snake, his belly that of a clam, his scales those of a carp, his claws those of an eagle, his soles those of a tiger, his ears those a cow.” p. 81 Trad. livre da autora.

A primeira das interpretações é baseada na descrição de Rose Carol no seu livro *Giants, Monsters & Dragons (Gigantes, Monstros e Dragões)*, onde esta descreve o dragão Asiático como possuidor do corpo de uma carpa gigante com pernas de tigre, garras de águia e chifres de cervo. Alternativamente, também descreve esta criatura mitológica com um corpo serpentino coberto de escamas, quatro garras, uma cauda sinuosa e com uma cabeça de lagarto gigante.<sup>108</sup> Destas listas, foram selecionadas características específicas observáveis na ilustração: o corpo de uma carpa gigante, quatro membros de tigre, chifres de cervo, uma cauda sinuosa e a cabeça de um lagarto gigante. Foram-lhe adicionadas também orelhas de vaca, adjacentes da descrição base providenciada na página anterior. A barbatana na cauda foi improvisada, para que esta se colocasse harmoniosamente na composição de todas estas características.

---

<sup>108</sup> Cf. ROSE, Carol (2001) p. 230



Figura 2. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

A segunda ilustração visa a representar a descrição de Katz no seu livro *Myths of the World: Deities and Demons of the Far East (Mitos do Mundo: Divindades e demónios do Extremo Oriente)*, que descreve o *Lung* como dono da cabeça de um camelo, orelhas de uma vaca, barriga de um sapo, patas de um tigre, chifres de um veado, longos bigodes de um gato, escamas de uma carpa, olhos de um demónio, o pescoço longo de uma serpente e garras de uma águia.<sup>109</sup> A maioria destes atributos foi integrado na representação destes, todavia deixando de parte os bigodes de gato e garras de águia, para benefício da composição da maioria das características na ilustração. Por falta de descrição da cauda do animal folclórico, a autora tomou a liberdade de a representar como sendo longa e sinuosa, dotada ainda de uma barbatana caudal. Foi ainda adicionado uma barbatana espinal para acompanhar tanto o atributo das escamas de carpa como o da barbatana caudal de um peixe.

---

<sup>109</sup> Cf. KATZ, Brian P. (1995) p. 94



Figura 3. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

A terceira interpretação tem como base a descrição providenciada por um espetador que garante ter avistado um dragão na China. Conta-nos Hayes no seu livro *The Chinese Dragon (O Dragão Chinês)*, que o dragão teria uma cabeça enorme, semelhante à de uma vaca, quatro patas e o seu corpo estaria coberto de escamas azuis.<sup>110</sup> O resto das suas características, sendo elas os chifres como os de um veado, o pescoço como o de uma serpente, os olhos como os de um demónio, as patas como as de um tigre e as garras como as de uma águia foram assim aplicadas, assim que a descrição de Hayes se demonstrou insuficiente para ilustrar a criatura folclórica completa. Os longos bigodes foram adicionados na composição desta interpretação do dragão Oriental já que Hayes faz menção destes no seu livro<sup>111</sup> – embora que seja despegada desta narração da criatura em específico – com vista a compor melhor a criatura. Os bigodes da criatura são descritos como sendo roxos em cor, todavia a autora tomou a liberdade de os alterar para uma cor que encaixasse melhor no animal imaginário. Uma vez mais, a cauda sinuosa foi improvisada, bem como as barbatanas caudal e dorsal, para uma melhor composição do ser mitológico.

---

<sup>110</sup> Cf. HAYES, L. Newton (1923) p. 32

<sup>111</sup> Cf. *idem* p. 45

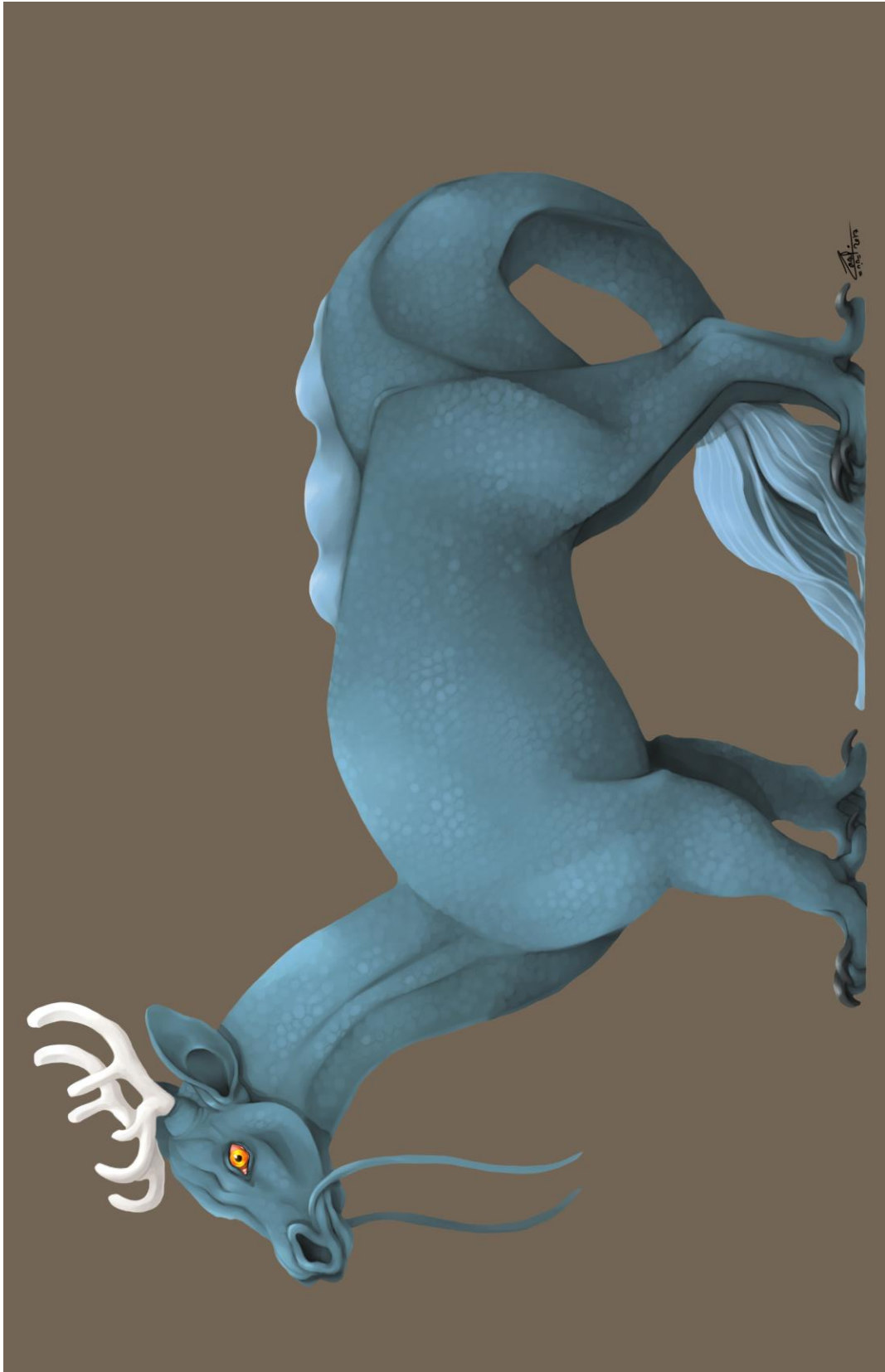


Figura 4. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

Para a quarta ilustração, Yuan providencia-nos uma descrição semelhante à da base das nove pareças a outros animais fornecidas anteriormente. A sua composição é enumerada da seguinte forma: o dragão possui o corpo como o de uma cobra, a cabeça como a de um porco, as hastes como as de um veado, as orelhas como as de um animal bovino, a barba como a de um bode, as garras como as de uma águia e as escamas como as de um peixe.<sup>112</sup> Funcionando esta enumeração das características deste ser holístico quase como um substituto da descrição base, restou à autora adicionar características improvisadas que explicassem o resto da aparência do animal. Não sendo mencionadas os membros semelhantes aos de um tigre, a autora decidiu assim interpretar as pernas do animal como pernas de águia, já se são mencionadas as garras destas e de modo a destacar esta ilustração das anteriores. Os olhos de demónio não foram inseridos nesta composição para que a cabeça da criatura se pudesse aproximar mais à cabeça de um animal suíno. A cauda é assumida como sendo equivalente à de uma serpente, já que o dragão foi descrito como dono de um corpo análogo ao dessa, abrangendo assim também a sua cauda.

---

<sup>112</sup> Cf. YUAN, Liu (2015) p. 42





Figura 5. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

Na quinta interpretação, Ingersol fornece-nos em específico a convenção da representação do dragão Japonês, que difere em alguns aspetos da convenção tradicional adjacente da China, todavia tratando-se da mesma criatura. O dragão Japonês é então narrado como um monstro dotado de uma cabeça ameaçadora com longos chifres direitos, com um corpo serpentino coberto de escamas, enfeitado com uma fila de espinhos dorsais, com quatro membros providos de garras e ornamentado com apêndices em forma de chamas nos seus ombros e ancas.<sup>113</sup> Embora que esta criatura mitológica seja tipicamente representada no Japão com os seus longos chifres crescendo para trás da sua cabeça,<sup>114</sup> a autora entendeu que ao representar as hastes apontadas para a frente seria uma reprodução mais fiel à descrição fornecida por Ingersol, na medida em que o animal deva exibir uma aparência ameaçadora. Esta decisão foi relevante também, na medida em que o objetivo das ilustrações tomando como base as descrições não tivessem em conta representações anteriores da criatura. Foram-lhe adicionados a cabeça semelhante à de um camelo, as orelhas de uma vaca e os membros de tigre, para completar os aspetos restantes do *Lung*. A autora fez a decisão de tornar a cauda do animal idêntica à de uma serpente, já que o resto do seu corpo é descrito dessa forma.

---

<sup>113</sup> Cf. INGERSOLL, Ernest (1928) p. 102

<sup>114</sup> Imagem de uma xilogravura Japonesa em anexo – Figura 5.

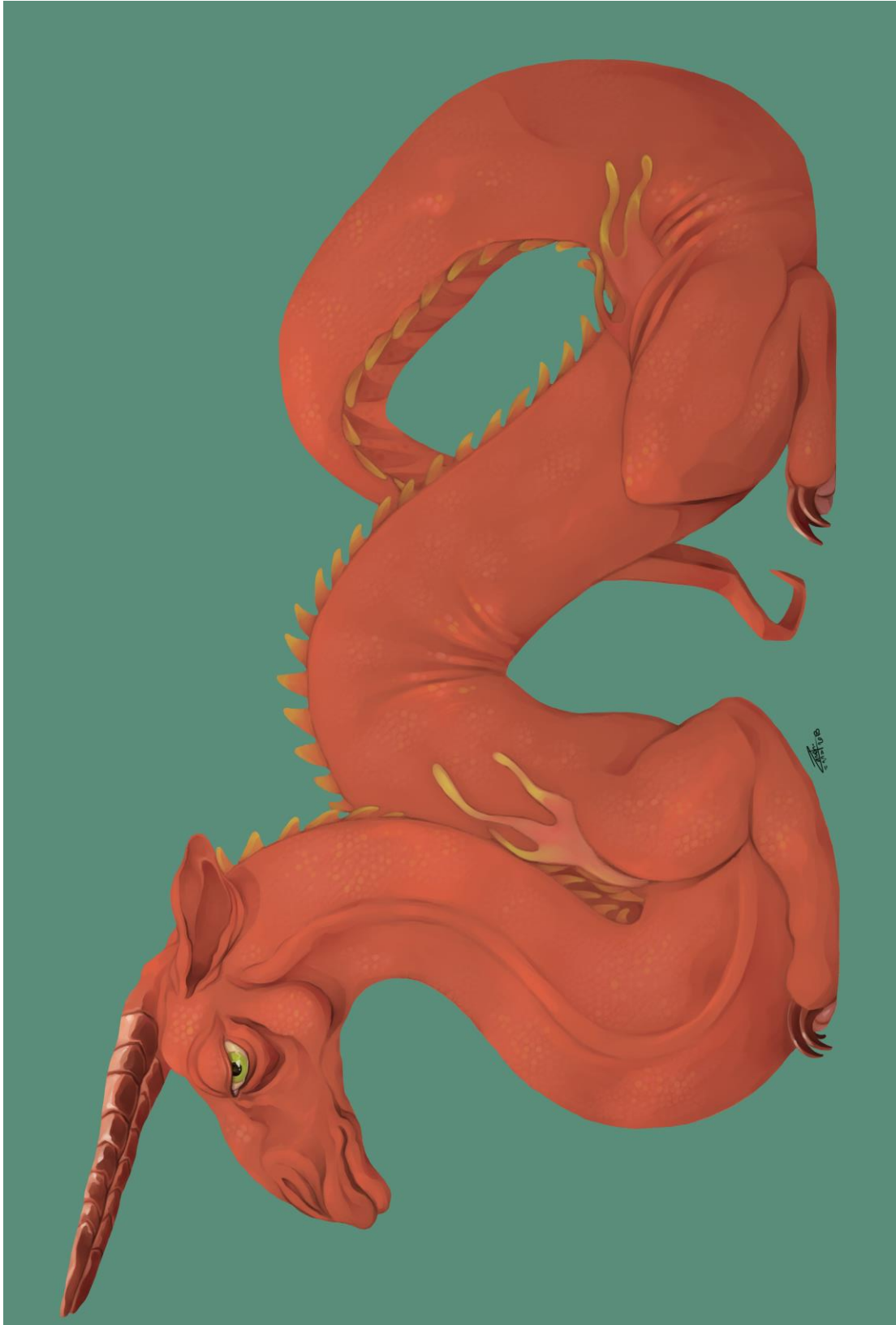


Figura 6. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

#### 4.2. Interpretações de pinturas e esculturas

A segunda série de ilustrações é feita de modo a interpretar esculturas e pinturas do animal folclórico. O objetivo será chegar a uma ideia da criatura apenas através de cada objeto ou decalque, de modo a reproduzir uma imagem do *Lung* sem que esta esteja completamente fiel às convenções líricas. Cada objeto artístico será interpretado de modo a que o animal resultante na ilustração se aproxime o máximo possível do item a interpretar. Auxiliariamente, a autora também terá em conta a descrição de cada peça na qual basei cada ilustração.

A variação do resultado de cada interpretação será vastamente distinta entre elas de modo a providenciar-nos de um conceito do animal imaginário despido de qualquer ideia pré-concebida e apenas baseado no objeto a interpretar.

A primeira ilustração baseada numa peça existente será a baseada numa escultura de um dragão em jade do período neolítico, observável abaixo. Trata-se de uma peça em forma de meia lua, com uma cara distinta em uma das pontas que se assemelha à de um animal suíno. A figura parece ainda ser dotada de um adereço nas suas costas cujo a autora interpretou como uma crista dorsal de pelo. Devido ainda à sua forma, a autora tomou a liberdade de representar o seu corpo à semelhança de o de um cavalo-marinho, já que a própria forma da escultura é facilmente relacionável com a criatura. O dragão foi ainda pintado em tons azuis escuros, sendo o próprio jade na escultura de um tom azulino.



Figura 7. Autor desconhecido. Escultura de um dragão em jade, escavada na Mongólia em 1971. Entre 6000 e 5000 A.C. Museu Nacional da China.



Figura 8. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

Na segunda ilustração, é interpretado um detalhe de um vaso que é decorado com figuras de dragões e tigres. Abaixo da boca do vaso, podemos observar, em cada lado, duas cabeças de dragões com uma forma arredondada e ambas dotadas de chifres. Com uma análise cuidada, são observáveis os seus corpos decalcados um pouco mais acima, e pequenas patas escondidas debaixo das suas cabeças. A autora interpretou a forma peculiar das suas cabeças de forma a que se assemelhassem à cabeça de um sapo. Pela ausência de patas traseiras, o animal mitológico foi interpretado apenas como dono de patas dianteiras. O seu corpo foi ilustrado de modo a acompanhar o tema da sua cabeça, ou seja, vagamente comparável ao tronco de um sapo, dotado ainda de uma cauda sinuosa como a de um girino, à exceção de ser exageradamente longa, para que se aproxime mais do decalque presente no vaso.

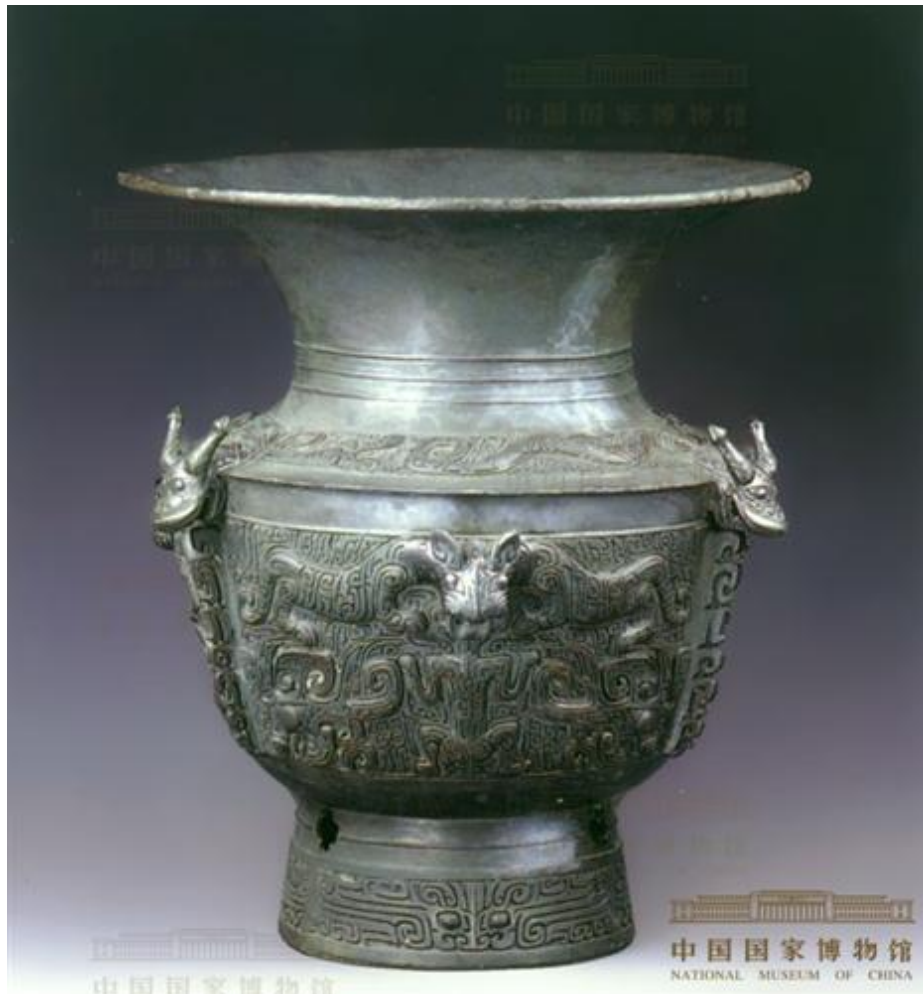


Figura 9. Autor desconhecido. Vaso em bronze, escavado na China em 1957. Entre 1300 e 1046 A.C. Museu Nacional da China.



Figura 10. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora



A terceira ilustração visa a interpretar as pinturas azuis que decoram a tijela de porcelana abaixo. São observáveis dois dragões a brincar com uma esfera, no centro, acompanhados de decorações semelhantes a nuvens e outros elementos. Ambas as criaturas são dotadas de corpos serpentinados, com espinhos dorsais ao longo desses e curiosos apêndices nas pontas das suas caudas. São decoradas com escamas vagamente visíveis e com longas garras em cada uma das suas quatro patas. As suas cabeças são caracterizadas com longos focinhos e um nariz pronunciado na sua ponta, acompanhado de dois longos bigodes e de uma barba semelhante à de um bode. As suas sobrancelhas aparentam ser evidenciadas com longos pelos e a junção das suas cabeças com o pescoço é celebrada com uma juba. Com uma observação minuciosa, é possível também detetar a forma dos seus chifres entre as suas jubas. A autora ilustrou o dragão aqui observável com uma cor azul para que acompanhasse melhor ainda a representação evidente na peça.



Figura 11. Autor desconhecido. Tijela com pinturas azuis e brancas. Museu Nacional da China.



Figura 12. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

A quarta ilustração visa a interpretar o desenho no capacete de prata, observável abaixo, onde é possível verificar o decalque de um dragão dourado, segurando pérolas em cada um dos seus quatro membros. A sua cabeça é caracterizada de um focinho longo, bigodes que rodeiam o seu nariz e uma barba que adorna a sua mandíbula inferior. É evidente ainda a sua língua comprida que se assemelha à de uma serpente, que escapa entre dois pares de longos e pronunciados dentes caninos. Escondidos na sua juba, com uma visão cuidada, podemos reparar nos seus chifres e, abaixo desses, a sua orelha arredondada. O seu corpo é serpentiforme e decorado com escamas, e a sua cauda dotada de adereços na sua ponta. A autora ilustrou, ainda, a criatura como maioritariamente dourada, refletindo o decalque e pintura desse no capacete.



Figura 12. Autor desconhecido. Capacete em prata, com desenhos de um dragão, corais e pérolas. De 1644 a 1911. Museu Nacional da China.



Figura 1.3. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

O quinto desenho visa a representar o desenho abaixo, representado no cálice de porcelana, onde podemos observar uma pintura em azul e branco de um dragão no mar. A cara deste animal mitológico é, mais uma vez, representada com um focinho longo, com um nariz evidentemente marcado na sua ponta. Decorando ainda a sua cara, podemos observar dois bigodes distintamente longos, e uma barba que adorna o seu queixo. Os chifres longos e direitos são visíveis por cima da longa juba que cresce na junção da sua cabeça com o seu pescoço. O seu longo corpo serpentino é coberto de escamas visivelmente destacadas, e ainda acompanhado de uma fila de apêndices nas suas costas, comparáveis a barbatanas dorsais que observamos em carpas. Cinco garras decoram as quatro patas do animal e cada membro é ainda ornamentado com apêndices semelhantes a chamas – cujo a autora optou por representar como junções de pêlo. Por fim, com um olhar cuidadoso, é possível observar a cauda do dragão ao lado esquerdo da sua cara. Esta é visivelmente dotada de apêndices comparáveis a uma barbatana caudal de um peixe, embora que seja mais sinuosa. O dragão Oriental foi representado como sendo, na sua maioria, azul em cor de modo a acompanhar com maior eficiência a pintura observável no cálice.



Figura 14. Autor desconhecido. Cálice com um desenho de um dragão no mar. De 1425 a 1435. Museu Nacional da China.



Figura 15. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora

### 4.3. Interpretação final

A interpretação final foi concebida através de uma junção cuidada das observações e interpretações anteriores bem como a interpretação pessoal da autora. Esta ilustração será então a conclusão do que seria uma das possíveis representações do dragão oriental, respeitando as suas normas descritivas, bem como a sua aparência observável nas peças de arte anteriormente interpretadas.

A autora optou então pela representação da criatura mitológica tendo esta uma cabeça semelhante à de um camelo, ligeiramente modificada de modo ao seu aspeto se aproximar o máximo possível da sua aparência habitual em pinturas e esculturas asiáticas. Este possui também orelhas de vaca, hastes de veado, bem como longos bigodes pronunciados. Uma juba foi adicionada ao seu aspeto para que se aproxime das ilustrações anteriores. A autora optou também por apresentar o animal mitológico com patas de águia e uma barbatana de peixe na ponta da sua cauda sinuosa de modo a complementar e compor a sua aparência.



Figura 16. Ilustração de um Dragão Oriental – Original da autora



## 5. Conclusão

A presente investigação centrou-se na temática da ilustração do dragão Oriental e, conseqüentemente, numa pesquisa sobre a criatura mitológica no seu contexto artístico, simbólico e cultural, de modo a produzir ilustrações fiéis às ideias originais dessa. Numa fase inaugural, foi possível observar a origem no *Naga* Budista do *Lung*, que inspirou e fundamentou a sua existência e o modo de como a comunidade Asiática centrou este animal na sua cultura. Foi evidente a observação de como o dragão servia como uma espécie de metáfora para o ciclo da água, elemento esse de que os povos que veneravam esta criatura dependiam. Em suma, este ser holístico era um símbolo daquilo que permitia a vida a essa população. Mais tarde veio a ser reconhecido como um símbolo imperial, que divinizava as figuras regentes, tornando-se assim, adicionalmente, num símbolo autoritário. Esta criatura folclórica é tão profundamente relevante na cultura dos povos Asiáticos que até ao início do século passado, habitantes Chineses reivindicavam ter observado a criatura e, ainda contemporaneamente, dragões Asiáticos são representados em vários médium modernos como videojogos – como é o caso do jogo *The Legend of Zelda: Breath of the Wild* (2017)<sup>115</sup>, em que dragões fazem aparições no mundo explorável – e em longas metragens – como é o caso do filme *A Viagem de Chihiro* (2001)<sup>116</sup>, em que uma das personagens principais se trata de um espírito de um rio que assume a forma de um dragão. Esta demonstra-se uma criatura tão predominante na cultura não apenas Asiática, mas também mundial, que é tratada como uma criatura quase real e até uma referência, senão um poderoso ícone, de todos os seres sobrenaturais. Existe um apego tão profundo das sociedades a esta criatura que será quase impossível criar uma fábula ou uma história num meio fantástico sem que se insira ou se mencione este poderoso signo cuspidor de fogo nela.

Numa fase mais avançada, foi possível compreender a criatura folclórica na perspectiva de um animal entre outros reais, e estudar de forma aprofundada a sua aparência e comportamento. Isto foi feito com base em várias descrições e citações do animal mitológico, que permitiram uma melhor imaginação do ser vivo num contexto natural, sendo possível a perceção desse não apenas como um símbolo a adornar roupões imperiais ou como um ícone do que permite a vida humana, mas como uma

---

<sup>115</sup> FUJIBAYASHI, Hidemaro (2017).

<sup>116</sup> MIYAZAKI, Hayao (2001).

espécie inserida na classe animália. Chegou-se à conclusão que seria um animal maioritariamente marítimo, com uma forma serpentiforme, dotado de quatro membros adornados com longas garras e uma cabeça semelhante à de um animal de gado. Compreendeu-se ainda, em maior profundidade, que se tratava de um ser omnívoro, maioritariamente benévolo, mas também capaz de maldade para com os seres humanos em certos casos, nomeadamente e em específico nas lendas nipónicas. A sua presença não seria ameaçadora para outros animais domésticos, já que este próprio era descrito dessa forma, e seria ainda um animal respeitado por outros seres marítimos, com quem partilharia a sua toca.

Posteriormente, a criatura foi interpretada de diversas formas pela autora, através de ilustrações baseadas, numa fase inaugural, tanto em menções líricas como, numa fase secundária, em descrições e reproduções pictóricas, de modo a obter-se uma imagem mais entendida da criatura mitológica. Os tópicos anteriores demonstraram-se de maior relevância para o efeito destas ilustrações, já que a compreensão leiga do dragão Oriental não tem em conta, na maioria das vezes, estes aspetos das descrições da construção da sua anatomia e fisionomia, resultando em muitos casos de representações que o compreendem apenas como uma serpente gigante, adornada de chifres e de quatro membros. Desta forma, as primeiras cinco ilustrações – sendo essas as que são baseadas em descrições fisionómicas do animal – providenciam-nos uma visão propriamente educada daquilo que o dragão Oriental é suposto conter na sua composição enquanto quimera. Foi de maior relevância ainda realizar estas interpretações ilustrativas posteriormente à observação e estudo das reproduções pictóricas tradicionais, já que estas próprias compõem a criatura de uma forma singular, correspondente a normas tradicionais de pintar ou esculpir a mesma – embora que tenham em conta a constituição fisionómica do animal imaginário – tornando a interpretação dessas pouco direta e fazendo a apreensão dos elementos líricos necessários para uma interpretação mais correta do que está representado perante o espetador. Em suma, é necessário o devido contexto lírico descritivo do animal mitológico para que este seja corretamente interpretado na ocasião em que essas representações pictóricas foram concebidas. Sequencialmente então, ao observar e interpretar as esculturas e pinturas selecionadas, é feita uma análise sobre os aspetos representados carregada dos conceitos anteriormente adquiridos que compõem a aparência do ser folclórico. As ilustrações são feitas

maioritariamente com base na interpretação do olhar educado sobre a escultura ou pintura a apreciar.

Sendo as ilustrações desenvolvidas e concluídas através dessa compreensão profunda da criatura, obtemos assim uma visão mais aproximada do conceito genuíno do que seria o dragão Oriental, despegada de qualquer ideia pré-concebida do contexto Europeu do animal holístico. E, embora que sejam realizadas na perspectiva singular interpretativa da autora, não torna estas ilustrações em atuações absolutas do *Lung*, mas precisamente em ensaios possíveis e sensivelmente educados no contexto cultural em que a ideia desse ser terá sido concebida.

### 5.1. Considerações Finais

Considerando que este projeto tenha sido iniciado com o intuito de produzir imagens do dragão Asiático fiéis à semelhança de criaturas observáveis na natureza através da ilustração digital, este foi concebido de forma a respeitar tanto as descrições e representações do ser mitológico como a aparência das criaturas mencionadas na sua composição como quimera. No trabalho desenvolvido, está presente uma pesquisa profunda sobre a sua origem, simbolismos culturais, aparência e até comportamento, que permitiu à autora, de seguida, desconstruir esses conceitos de modo a conceber imagens do animal folclórico com vista a colocá-lo no contexto de o observar como uma criatura hipoteticamente real. Neste processo, foi necessário compreender a criatura em todos os seus aspetos, especialmente na intenção original do povo que a concebeu.

O projeto desenvolvido teve sempre em vista conservar os conceitos e considerações originais sobre o *Lung* de modo a criar interpretações o mais instruídas sobre o animal mitológico possíveis. Tendo isto em mente, foi possível providenciar uma série de ilustrações que o colocaram na perspectiva original da autora de modo a que ainda estivessem fiéis às crenças e mitos sobre o dragão Oriental.

### 5.2. Perspetivas de continuação do trabalho efetuado

Um dos motivos que incentivou o desenvolvimento deste trabalho, será o de uma execução precisa e honesta da representação deste ser mitológico em específico, já que é tantas vezes mencionado e até aparecendo nos mais variados médium, sendo muitas

vezes a intenção das culturas que deram origem a esse ignorada. Este projeto pode servir então como base de um projeto maior sobre a representação de não apenas do *Lung*, mas também das suas versões Europeias e Sul Americanas, para que se chegue a representações dos mesmos, de modo a concebê-los de um feitio mais informado e não apenas imaginando-os como lagartos ou serpentes gigantes dotadas de adereços como chifres e asas.

Apenas este projeto também pode servir como um guia introdutório à representação do dragão Oriental – livre de ideias pré-concebidas que geralmente não são geradas no contexto da cultura criadora deste – que pode ser utilizado no processo de criação em futuras ilustrações ou em outras formas de reprodução do animal folclórico em variados médium como filmes de animação, descrições e ilustrações em contos ou mesmo em videogames.

### 5.3. Dificuldades sentidas e experiência adquirida

O primeiro e mais notável obstáculo na realização deste projeto foi sem dúvida o da procura de informação viável sobre o ser mitológico aqui desenvolvido. Na menção destas serpentes fantásticas, é rara a descrição do animal e, mesmo quando é presente, em especial no caso de fontes mais recentes, a narração dos aspetos simbólicos e mesmo fisiológicos da criatura não tinham em consideração a carga mitológica e cultural dos mitos que a conceberam originalmente. Em suma, as fontes mais recentes tomam o dragão Oriental apenas como um lagarto gigante extensivamente representado em entretenimento Asiático, tendo apenas uma ideia muito superficial do peso icónico e sobrenatural que este tem nos países Orientais, como é o caso do livro *Dracopedia: A Guide to Drawing the Dragons of the World* (*Dracopédia: Um Guia para Desenhar os Dragões do Mundo*) de William O'Connor – guia que nos demonstra sugestões elaboradas de ilustrar vários dragões de várias culturas embora que não nos providencie de um modo de representação fiel às culturas que os fabricaram. Foi então necessária uma pesquisa de fontes especializadas no tópico específico sobre a criatura folclórica mais datadas, sendo essas muitas vezes interpretações em Inglês de fontes Chinesas sobre o assunto.

As inúmeras execuções ilustrativas da criatura também se demonstraram um desafio, já que a conciliação dos vários elementos descritivos da criatura seria

impraticável numa criatura real. Todavia, sendo esse o conceito inteiro deste projeto, foi uma dificuldade que não tomou de modo nenhum a autora de surpresa. A dificuldade de imaginar composição da criatura foi diminuindo com a sequência das várias interpretações e, embora que tenha criado uma cadeia de tentativas e erros até se chegar a produtos satisfatórios, foi um processo que ajudou a desenvolver capacidades de chegar a resultados complexos através de menções líricas limitadas, bem como ilustrações e esculturas de interpretação ambígua sobre o tópico a desenvolver.

O trabalho desenvolvido permitiu à autora adquirir competências necessárias para a realização de ilustrações através de um fornecimento limitado sobre um tópico, bem como a capacidade de conceber um produto informado e próximo das fontes genuínas. Competências estas necessárias e úteis na execução de uma ilustração conceptual da criatura neste projeto desenvolvida, bem como qualquer outro conceito imaginário.

De uma forma secundária, possibilitou ainda a aquisição, de um modo quase accidental, de conhecimentos mais profundos sobre a cultura Asiática e no modo de como os países Orientais foram influenciados pelas religiões e crenças geradoras do *Lung*.

## 6. Bibliografia

AONUMA, Eiji (Produtor), & FUJIBAYASHI, Hidemaro (Diretor). (2017). *The Legend of Zelda: Breath of the Wild* (Videojogo). Japão: Nintendo.

BATES, Roy (2002). *Chinese Dragon (Images of Asia)*. Oxford: Oxford University Press.

BAMMES, Gottfried (1994). *The Artist's Guide to Animal Anatomy*. Estados Unidos da América: Chartwell Books.

CATHERINE, Louis, & MARIE, Sellier (2008). *The Legend of the Chinese Dragon*. Nova Iorque: North-South Books.

CHRISTIE, Anthony (1983). *Chinese Mythology*. Lisboa: Língua Portuguesa Editorial Verbo.

DE VISSER, Marinus Williem (1913). *The Dragon in China and Japan*. Amestardão: J. Müller.

GRAVES, Robert (1987). *New Larousse Encyclopedia of Mythology*. Nova Iorque: Crescent Books.

GRAY, Phebe Xu (2008). *The Dragons without Eyes: and Other Chinese Folktales*. Estados Unidos da América: Pro Lingua Associates.

GRÜNWEDEL, Albert (1900). *Mythologie des Buddhismus in Tibet und der Monglei*. Leipzig: F. A. BROCKHAUS.

HAYES, L. Newton (1923). *The Chinese Dragon*. Shangai: Comercial Press, Limited.

HONG, Grace L. (2010). *Sandplay Therapy: Research and Practice*. Londres: Routledge.

HUDSPETH, E. B. (2013). *The Resurrectionist, The Lost Work of Dr. Spencer Black*. Filadélfia: Quirk Books.

INGERSOL, Ernest (1928). *Dragons and Dragon Lore*. Nova Iorque: Payson & Clarke Ltd.

JIAN, Li (2012). *The Water Dragon: A Chinese Legend*. Xangai: Shanghai Press.

KATZ, Brian P. (1995). *Myths of the World: Deities and Demons of the Far East*. Nova Iorque: MetroBooks.

O'CONNOR, William (2009). *Dracopedia: A Guide to Drawing the Dragons of the World*. Estados Unidos da América: IMPACT Books.

PHILIP, Neil (2007). *Comentar Mitos e Lendas*. Portugal: Livraria Civilização Editora.

PIGGOT, Juliet (1973). *Japanese Mythology*. Londres: The Hamlyn Publishing Group Limited.

ROBERTS, Jeremy (2004). *Chinese Mythology A to Z*. Estados Unidos da América: Facts on File, inc.

ROSE, Carol (2001). *Giants, Monsters & Dragons*. Estados Unidos da América: Norton Paperback.

SANDERS, Tao Tao Liu (1983). *Dragons, Gods and Spirits from Chinese Mythology (World Mythologies)*. Estados Unidos da América: Schocken Books.

SMITH, G. Elliot (1919). *The Evolution of the Dragon*. Londres: Longmans, Green & Company.

SMITH, Richard Gordon (1908). *Acient Tales and Folklore of Japan*. Londres: A. & C.

SUZUKI, Toshio (Produtor), & MIYAZAKI, Hayao (Diretor). (2001). *A Viagem de Chihiro* (Filme). Japão: Ghibli.

TRAYWICK, Ben T. (1989). *The Chinese Dragon in Tombstone*. Estados Unidos da América: Red Marie's Bookstore.

VAN DINTER, Maarten Hesselt (2008). *Dragons: Chinese, Japanese & Medieval Dragons*. Holanda: Mundurucu Publishers.

YUAN, Liu (2015). *Studies in Literature and Language*. China: CSCanada.

## 7. Webografia

Blackdrago.com (2017) *The Circle of the Dragon* [Consult. 11 de Novembro de 2017]. Disponível em: WWW: <URL <http://www.blackdrago.com/species/lung.htm> >

ChinaHighlights.com (2017) *Chinese Dragons – Facts, Culture, Origins, and Art* [Consult. 30 de Outubro de 2017] Disponível em: WWW: <URL <https://www.chinahighlights.com/travelguide/article-chinese-dragons.htm> >

KAWAKAMI, Shigeki (2017). *Imperial Dragons*. [Consult. 25 de Outubro de 2017]. Disponível em: WWW: <URL <http://www.kyohaku.go.jp/eng/dictio/senshoku/48koutei.html> >

NewWorldEncyclopedia.org (2017) *Chinese Dragons* [Consult. 25 de Outubro de 2017] Disponível em: WWW: <URL [www.newworldencyclopedia.org/entry/Chinese\\_dragon](http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Chinese_dragon) >

TopChinaTravel.com (2018) *Chinese Dragon Origin and History* [Consult. 6 de Fevereiro de 2018] Disponível em: WWW: <URL <https://www.topchinatravel.com/china-guide/chinese-dragons-history.htm> >



TravelChinaGuide.com (2018) Chinese Dragon [Consult. 30 de Setembro de 2018]

Disponível em: WWW: <URL  
[https://www.travelchinaguide.com/intro/social\\_customs/dragon\\_lion.htm](https://www.travelchinaguide.com/intro/social_customs/dragon_lion.htm) >

## 8. Anexos



Fig. 1. Detalhe de um roupão imperial Chinês. Autor desconhecido, século 17.

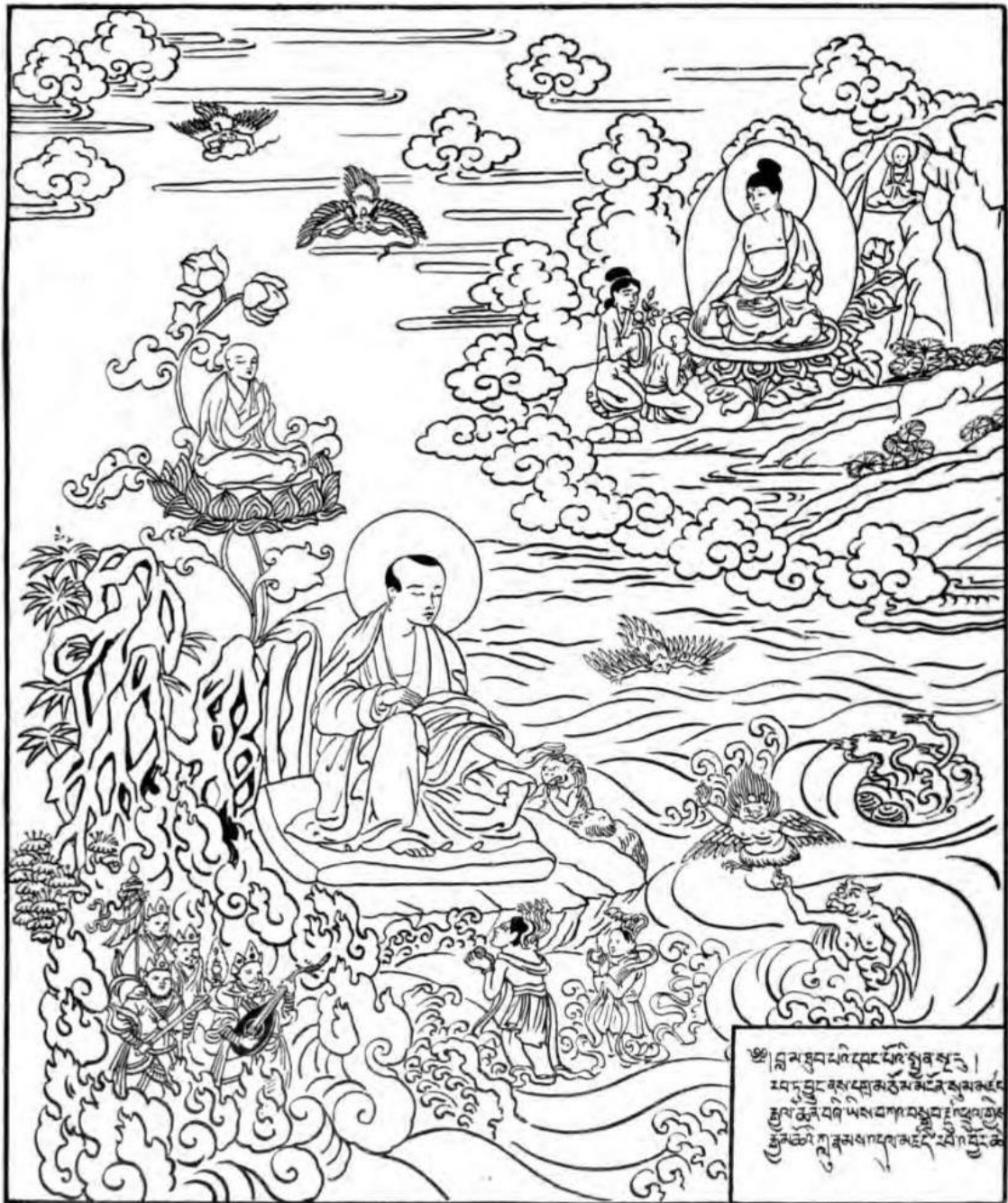


Fig. 2. Representação de Garudas a lutar contra Nagas em frente ao pregador santo Subhuti. Imagem retirada do livro *Mythologie des Buddhismus in Tibet und der Mongole* de Grünwedel, 1900.

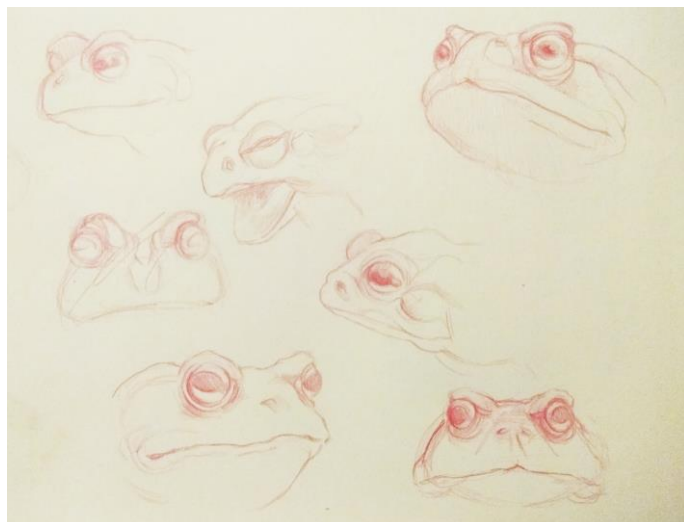


Fig. 3. Estudos da cabeça de um sapo. Original da autora, ilustração de em papel e lapiseira, 2018.



Fig. 4. Processo de de cada ilustração. Acima, o esboço final em papel a lapiseira. Abaixo, o esboço digitalizado e a ser pintado num programa digital com uma mesa gráfica. Original da autora, ilustração digital, 2018.



Fig. 5. A Deusa Benzaiten aparece para Hôjô Tokimasa em Enoshima. 1833, Japão.  
Imagem retirada do website “MFA.org”, da autoria de Aoigaoka Keisei.